

Pires, Murilo José de Souza

Working Paper

Alcances, limites e contradições nos termos de troca entre as economias do centro-oeste brasileiro e seus parceiros comerciais: O caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau

Texto para Discussão, No. 2913

Provided in Cooperation with:

Institute of Applied Economic Research (ipea), Brasília

Suggested Citation: Pires, Murilo José de Souza (2023) : Alcances, limites e contradições nos termos de troca entre as economias do centro-oeste brasileiro e seus parceiros comerciais: O caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, Texto para Discussão, No. 2913, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília, <https://doi.org/10.38116/td2913-port>

This Version is available at:

<https://hdl.handle.net/10419/285035>

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.



<https://creativecommons.org/licenses/by/2.5/br/>

TEXTO PARA DISCUSSÃO

2913

**ALCANCES, LIMITES E
CONTRADIÇÕES NOS TERMOS DE
TROCA ENTRE AS ECONOMIAS
DO CENTRO-OESTE BRASILEIRO E
SEUS PARCEIROS COMERCIAIS: O
CASO DO BLOCO ECONÔMICO DE
CHINA, HONG KONG E MACAU**

MURILO JOSÉ DE SOUZA PIRES

ipea

Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

**ALCANCES, LIMITES E CONTRADIÇÕES
NOS TERMOS DE TROCA ENTRE AS
ECONOMIAS DO CENTRO-OESTE
BRASILEIRO E SEUS PARCEIROS
COMERCIAIS: O CASO DO
BLOCO ECONÔMICO DE CHINA,
HONG KONG E MACAU¹**

MURILO JOSÉ DE SOUZA PIRES²

1. As opiniões expressas neste Texto para Discussão (TD) são de inteira responsabilidade dos autores, não representando, necessariamente, a posição do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Registramos nossos agradecimentos pelos comentários, críticas e sugestões aos professores doutor Daniel Pereira Sampaio – do Departamento de Economia e Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) – e a Guilherme Carneiro Leão de Albuquerque Lopes – do Departamento de Economia da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), no *Campus* do Sertão, unidade de Santana do Ipanema-AL, e doutorando em desenvolvimento econômico pelo Centro de Estudos do Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Cede/IE/Unicamp) –, os quais não têm qualquer responsabilidade quanto a erros ou omissões aqui cometidos.

2. Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur) do Ipea. *E-mail*: murilo.pires@ipea.gov.br.

Governo Federal

Ministério do Planejamento e Orçamento

Ministra Simone Nassar Tebet

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

Fundação pública vinculada ao Ministério do Planejamento e Orçamento, o Ipea fornece suporte técnico e institucional às ações governamentais – possibilitando a formulação de inúmeras políticas públicas e programas de desenvolvimento brasileiros – e disponibiliza, para a sociedade, pesquisas e estudos realizados por seus técnicos.

Presidenta

LUCIANA MENDES SANTOS SERVO

Diretor de Desenvolvimento Institucional

FERNANDO GAIGER SILVEIRA

**Diretora de Estudos e Políticas do Estado,
das Instituições e da Democracia**

LUSENI MARIA CORDEIRO DE AQUINO

Diretor de Estudos e Políticas Macroeconômicas

CLÁUDIO ROBERTO AMITRANO

**Diretor de Estudos e Políticas Regionais,
Urbanas e Ambientais**

ARISTIDES MONTEIRO NETO

**Diretora de Estudos e Políticas Setoriais,
de Inovação, Regulação e Infraestrutura**

FERNANDA DE NEGRI

Diretor de Estudos e Políticas Sociais

CARLOS HENRIQUE LEITE CORSEUIL

Diretor de Estudos Internacionais

FÁBIO VÉRAS SOARES

Chefe de Gabinete

ALEXANDRE DOS SANTOS CUNHA

Coordenador-Geral de Imprensa e Comunicação Social

ANTONIO LASSANCE

Ouvidoria: <http://www.ipea.gov.br/ouvidoria>

URL: <http://www.ipea.gov.br>

Texto para Discussão

Publicação seriada que divulga resultados de estudos e pesquisas em desenvolvimento pelo Ipea com o objetivo de fomentar o debate e oferecer subsídios à formulação e avaliação de políticas públicas.

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2023

Pires, Murilo José de Souza

Alcances, limites e contradições nos termos de troca entre as economias do Centro-Oeste brasileiro e seus parceiros comerciais : o caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau / Murilo José de Souza Pires. – Brasília, DF: IPEA, 2023.

79 p. : il., gráfs. – (Texto para Discussão ; 2913).

Inclui Bibliografia.

1. Termos de Troca. 2. Economia do Centro-Oeste. 3. China. I. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. II. Título.

CDD 338.981

Ficha catalográfica elaborada por Elizabeth Ferreira da Silva CRB-7/6844.

Como citar:

PIRES, Murilo José de Souza. **Alcances, limites e contradições nos termos de troca entre as economias do centro-oeste brasileiro e seus parceiros comerciais** : o caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Brasília, DF: Ipea, set. 2023. 79 p. : il. (Texto para Discussão, n. 2913). DOI: [http:// dx.doi.org/10.38116/td2913-port](http://dx.doi.org/10.38116/td2913-port).

JEL: R11.

As publicações do Ipea estão disponíveis para download gratuito nos formatos PDF (todas) e ePUB (livros e periódicos).

Acesse: <http://www.ipea.gov.br/porta/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento e Orçamento.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

SUMÁRIO

SINOPSE

ABSTRACT

1 INTRODUÇÃO	8
2 EVIDÊNCIAS TEÓRICAS SOBRE A DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS PRODUTIVAS DE UMA ECONOMIA SUBDESENVOLVIDA E PERIFÉRICA	15
3 FATOS ESTILIZADOS DA ESTRUTURA E DINÂMICA DA ECONOMIA DO CENTRO-OESTE: UMA VISÃO PANORÂMICA A PARTIR DOS ANOS 1990	30
4 ALCANCES DO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE: UMA ANÁLISE DOS TERMOS DE TROCA ENTRE A REGIÃO CENTRO-OESTE E SEUS PARCEIROS INTERNACIONAIS	36
5 LIMITES DO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE: UM EXAME DOS TERMOS DE TROCA ENTRE A REGIÃO CENTRO-OESTE E O BLOCO DAS ECONOMIAS CHINESA, DE HONG KONG E MACAU	53
6 CONTRADIÇÕES DO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE: A SUBJUNÇÃO ENTRE OS AVANÇOS E OS LIMITES DOS TERMOS DE TROCA ENTRE A REGIÃO CENTRO-OESTE E O BLOCO ECONÔMICO DE CHINA, HONG KONG E MACAU	63
7 OBSERVAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	75

SINOPSE

O ponto central da investigação foi verificar em que medida os fluxos mercantis entre a região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais têm modificado a estrutura dos termos de troca entre eles, em especial em relação ao bloco econômico de China, Hong Kong e Macau no período 1998-2021. Nesse sentido, verifica-se que a razão entre os valores das exportações da região Centro-Oeste para o resto do mundo *vis-à-vis* as importações agregadas, entre 1998 e 2021, não apresentou, de forma aparente, sinais de deterioração dos termos de troca. Mas é importante ressaltar que, desde 2009, há um ciclo ascendente dos preços das *commodities* agropecuárias e metais, que possivelmente está influenciando, de forma positiva, para que não haja essa deterioração dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e os demais parceiros comerciais. Por sua vez, quando se observa a razão entre os valores exportados de produtos básicos *vis-à-vis* as importações de produtos manufaturados entre a região Centro-Oeste e o resto do mundo, no período de 1998 a 2021, constata-se o mesmo fenômeno aparente destacado para as exportações e importações agregadas. Dessa forma, uma análise mais apressada poderia indicar que a hipótese de Prebisch-Singer estaria refutada para o caso específico da região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais no dado período histórico. No entanto, é importante destacar que, ao se verificar a estrutura dos termos de troca entre os países envolvidos, observa-se alta concentração de produtos básicos na pauta exportadora da região Centro-Oeste, como também alta concentração de produtos manufaturados na pauta importadora. Como são produtos que apresentam naturezas de industrialização distintas, pode-se levantar o imperativo hipotético de que isso esteja acontecendo por influência dos ciclos de preços favoráveis das *commodities* agropecuárias e minerais. Sendo assim, optou-se por aprofundar um pouco mais a análise e verificar qual era o comportamento dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e seu principal parceiro comercial, o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Para tanto, é importante evidenciar que a natureza do estilo de desenvolvimento chinês é distinta daquela verificada para a região Centro-Oeste. Mesmo que ambos tenham projetado os impulsos do seu crescimento econômico para os mercados internacionais, ainda assim a economia chinesa implementou uma política industrial ativa, que teve como base uma revolução em sua estrutura industrial por meio do uso crescente de ciência, inovação e tecnologia (CI&T). Desse modo, a estratégia chinesa foi impulsionar de forma crescente o incremento do seu papel na divisão internacional do trabalho, com produtos de maior valor agregado, ou seja, produtos manufaturados, em especial aqueles relacionados, no primeiro momento, com a Terceira Revolução Industrial e, mais recentemente, com a Quarta Revolução Industrial. Isso posto, a estratégia chinesa de expansão para as economias da América Latina, África e Ásia se intensificou, em especial por meio da exportação de produtos manufaturados. É neste contexto que as transações mercantis entre a região Centro-Oeste e a economia chinesa vão se desenrolar entre 1998 e 2021. Dessa maneira, a razão entre as exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste *vis-à-vis* as importações de produtos manufaturados do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, entre 1998 e 2021, vem apresentando uma taxa média de crescimento de -1,8% ao ano (a.a.).

Além disso, a razão entre as exportações básicas e as importações manufaturadas entre estas regiões declinou de quase vinte vezes em 2000 para pouco mais de 6,5 vezes em 2021. Tudo isso é um sinal claro de que, mesmo com um ciclo ascendente de preços de *commodities* agropecuárias e metais, há uma deterioração nos termos de troca entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau que, no longo prazo, pode trazer fortes restrições para o crescimento econômico do Centro-Oeste.

Palavras-chave: termos de troca; economia do Centro-Oeste; China.

ABSTRACT

The central point of the investigation was to verify the extent to which trade flows between the Midwest region and its trading partners have modified the structure of the terms of trade between them, in particular, in relation to the economic bloc of China, Hong Kong and Macau in the period between 1998 and 2021. In this sense, it appears that the ratio between the values of exports from the Center-West region to the rest of the world vis-à-vis aggregate imports, between 1998 and 2021, did not show, in any way, apparent form, signs of deterioration in the terms of trade. However, it is important to point out that, since 2009, there has been an upward cycle in the prices of agricultural commodities and metals, which is possibly influencing, in a positive way, so that there is no deterioration in the terms of trade between the Midwest region and the other business partners. On the other hand, when one observes the ratio between exported values of basic products vis-à-vis imports of manufactured products between the Center-West region and the rest of the world, in the period 1998 and 2021, the same can be seen apparent phenomenon highlighted for aggregate exports and imports. In this way, a more hasty analysis could indicate that the Prebisch-Singer hypothesis would be refuted for the specific case of the Midwest region and its trading partners in the given historical period. However, it is important to point out that, when verifying the structure of the terms of trade between the countries involved, there is a high concentration of basic products in the export basket of the Central-West region, as well as a high concentration of manufactured products in the import basket. As they are products that present different natures of industrialization, then, one can raise the imperative hypothesis, that this is happening under the influence of favorable price cycles of agricultural and mineral commodities. Therefore, it was decided to deepen the analysis a little more and verify the behavior of the terms of trade between the Midwest region and its main trading partner, the economic bloc China, Hong Kong and Macau. Therefore, it is important to highlight that the nature of the Chinese development style is different from that seen in the Midwest region. Even though both have projected the impulses of their economic growth to international markets, even so, the Chinese economy implemented an active

industrial policy that was based on a revolution in its industrial structure through the increasing use of Science, Innovation and Technology. In this way, the Chinese strategy was to increasingly boost its role in the international division of labor with products with higher added value, that is, manufactured products, in particular those related, in the first instance, to the 3rd Industrial Revolution and, more recently, with the 4th Industrial Revolution. That said, the Chinese expansion strategy for the economies of Latin America, Africa and Asia has intensified, in particular, through the export of manufactured goods. It is in this context that commercial transactions between the Center-West region and the Chinese economy will take place between 1998 and 2021. In this way, the ratio between exports of basic products from the Center-West region vis-à-vis Imports of manufactured products from the economic bloc of China, Hong Kong and Macau, between 1998 and 2021, have been showing an average growth rate of -1.8% p.a. In addition, the ratio between basic exports and manufactured imports between these regions declined from almost 20 times in 2000 to just over 6.5 times in 2021. All of this is a clear sign that, even with an upward price cycle of agricultural commodities and metals, there is a deterioration in the terms of trade between the Center-West region and the economic bloc of China, Hong Kong and Macau which, in the long term, may bring strong restrictions to the economic growth of the Center-West.

Keywords: terms of trade; midwest economy; China.

1 INTRODUÇÃO

As transformações produtivas que aconteceram na região Centro-Oeste, em especial no período posterior aos anos 1990, têm integrado este espaço regional, cada vez mais, com os mercados internacionais, em especial com a República Popular da China, a qual ganhou expressão no mercado internacional depois de sua adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001.¹

Desse modo, a região Centro-Oeste vem se especializando na produção de mercadorias que reforçam suas vantagens comparativas ricardianas, primordialmente em itens relacionados com *commodities* agrícolas e minerais. Esta situação ganhou expressão no contexto regional, pois vem impulsionando, mais e mais, o uso crescente de inovações tecnológicas, tanto em nível da agropecuária como nos setores industriais e de serviços.

Esse aspecto tem um papel importante, pois, dos anos 1990 para cá, houve uma mudança no padrão de difusão tecnológico que se objetivou neste espaço regional. Ou seja, dos anos 1960 aos 1990, houve a penetração de inovações tecnológicas que se cristalizaram através do uso crescente de inovações mecânicas, físico-químicas e biológicas provenientes da Revolução Verde, a qual demandou um papel mais ativo do Estado tanto para o financiamento como para a geração e difusão de seus pacotes tecnológicos.

Grandes avanços aconteceram na estrutura produtiva centro-oestina, em especial com o avanço dos excedentes agropecuários, que tiveram um papel central na atração das grandes *trading companies* para estas regiões. Adicionado aos programas de incentivo e benefícios fiscais implementados nas economias centro-oestinas, observou-se um florescimento e crescimento industrial particularmente relacionado com os elos das cadeias produtivas agroindustriais nacionais e internacionais.

1. Para Borghi (2020, p. 28, tradução nossa), “A ascensão econômica global da China tem levado ao repensar das relações internacionais entre economias desenvolvidas e em desenvolvimento. Conhecida como a nova oficina do mundo, a China vem reorganizando o comércio, a produção e os investimentos globais, sem falar nas questões geopolíticas. A China foi responsável por cerca de um quarto da produção mundial de manufatura em 2016, 12,8% do total mundial de exportações de mercadorias e 10,8% do total mundial de importações de mercadorias em 2018, ficando em primeiro e segundo lugar, respectivamente, em termos de fluxos de comércio internacional”. No original: “*China’s global economic rise has been leading to the rethinking of international relations between developed and developing economies. Known as the new workshop of the world, China has been rearranging global trade, production and investments, not to mention geopolitical issues. China accounted for roughly a quarter of world manufacturing output in 2016 and 12.8% of world total merchandise exports and 10.8% of world total merchandise imports in 2018, ranking first and second, respectively, in terms of international trade flows*”.

Com o processo de integração do Centro-Oeste aos eixos de desenvolvimento internacional nos anos 1990, dentro do cenário de crise fiscal e financeira do Estado brasileiro e da renegociação da dívida externa conforme o Plano Brady, observa-se um esforço crescente de ofertar os produtos centro-oestinos para as economias internacionais. Isto significou que a região Centro-Oeste teve um papel delineado e ativo no comércio internacional, cujo objetivo foi carrear moedas fortes para equalizar os problemas estruturais do balanço de pagamentos brasileiro.

Não é por outro motivo que o estilo de desenvolvimento² do Centro-Oeste se deslocou para o eixo externo, tendo como principal instrumento de avanço do progresso técnico as inovações tecnológicas provenientes da agricultura científica globalizada, que tem no mercado internacional e no capital financeiro (seus fundos de investimentos) seus principais instrumentos para garantir a reprodução ampliada do capital no território nacional e, em especial, na região Centro-Oeste.

Desse modo, cada vez mais o espaço regional do Centro-Oeste é capturado pelos interesses do capital financeiro e desloca parte significativa de seu excedente para atender às demandas de outros países, em especial à chinesa. Em contrapartida, observa-se também o crescimento da importação, mormente relacionada com produtos manufaturados.

É neste contexto que se destaca o objetivo desta investigação, a saber, verificar em que medida os fluxos mercantis entre a região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais – dando ênfase para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau³ – estão modificando a estrutura dos termos de troca entre estas economias no interregno de 1998 a 2021.

Para tanto, a hipótese adotada nesta investigação segue as pistas deixadas nas evidências teóricas de Prebisch (2000), Singer (1950; 1999), Rodriguez (2009), Carneiro (2012), Dávila-Fernandes e Amado (2015), Silva, Prado e Torracca (2016) e Borghi (2020), que destacaram que o padrão assimétrico nas relações mercantis entre os países centrais e periféricos reproduzem, no tempo e no espaço, perturbações estruturais nas economias periféricas,⁴ as quais se desvelam no estrangulamento externo. Em um horizonte de longo prazo, pode acarretar a deterioração dos termos de troca

2. O conceito de estilo de desenvolvimento encontra-se em Pinto (2000b).

3. O uso do termo bloco econômico de China, Hong Kong e Macau se justifica porque faz parte da diplomacia chinesa da Política de uma China Única, ou seja, de que há somente uma China, mesmo com dois sistemas políticos diferentes.

4. Segundo Borghi (2020, p. 40), “Therefore, it is very clear a reproduction of old structuralist core-periphery trade relations between China and the two largest economies in South America, namely Brazil and Argentina”.

entre as regiões exportadoras de produtos básicos e importadores de produtos manufaturados, como é, provavelmente, o caso das relações mercantis entre o Centro-Oeste brasileiro e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

Sendo assim, o foco desta investigação é efetuar uma avaliação sintética, a partir de evidências teóricas e empíricas, para compreender o comportamento de uma região exportadora de produtos básicos diante do seu principal parceiro comercial, exportador de produtos industrializados. No entanto, é importante ressaltar algumas ponderações. Trata-se de um exercício para compreender as relações mercantis entre duas regiões que se encontram em escalas espaciais diferenciadas, quer dizer, a China como expressão de uma nação, e a região Centro-Oeste como face de um espaço regional específico no cenário nacional. Isto implica algumas restrições, em especial na elaboração e execução de políticas macroeconômicas que afetam diretamente os resultados do balanço de pagamentos, seja em suas contas corrente, de capital e financeira.

Para contornar esse aspecto, o exercício proposto focaliza sua análise, em específico, na conta corrente do balanço de pagamentos, porém capturando os elementos que constituem a estrutura dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e a economia chinesa. Sendo assim, parte da hipótese de que a estrutura exportadora e importadora da região Centro-Oeste, mesmo sendo afetada pelas conjunturas macroeconômicas e cíclicas, possui certa rigidez no curto prazo, mas pode se movimentar e transformar segundo a subjunção de forças dinâmicas que se desdobram no tempo histórico. Como advertiu Furtado (2009, p. 46), “o processo de acumulação não resulta de decisões arbitrárias, e sim de fatores históricos que se traduzem na própria estrutura de produção”.

Nesse sentido, a ideia é entender como o tempo da transformação desdobrou suas tensões no tempo histórico de tal modo que a subjunção da modernização e do atraso acabaram afetando as decisões dos agentes econômicos, de uma forma que reforçou os problemas de heterogeneidade estrutural e produtiva, reforçando, por conseguinte, os problemas do subdesenvolvimento. Deste modo, o processo de modernização da economia acabou criando os canais materiais para as metamorfoses estruturais nos fluxos mercantis e seus rebatimentos nos termos de troca entre a região Centro-Oeste brasileira e seus parceiros comerciais, em particular no caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

Sendo assim, o tempo histórico será o fio condutor da narrativa que irá reconstruir o concreto, a partir de suas alíquotas, em um concreto pensado, em que as forças dinâmicas do progresso técnico vão se objetivando de forma diferenciada nas estruturas produtivas entre as regiões, de tal forma que vão, aos poucos, moldando os seus estilos de desenvolvimento e, por consequência, seu padrão de inserção nos mercados internacionais.

TEXTO para DISCUSSÃO

Dessa maneira, o foco do exercício é a movimentação e as metamorfoses das estruturas de importação e exportação das regiões, e não as flutuações cíclicas, as conjunturas macroeconômicas e muito menos os elementos que constituem a conta de capital e financeira do balanço de pagamentos.

Sendo assim, a ideia é verificar como a subjunção das forças de modernização e atraso, que se estabelecem organicamente no subdesenvolvimento, movimentam, no longo prazo, a estrutura dos termos de troca entre as duas regiões, ou seja, o Centro-Oeste brasileiro e o bloco de China, Hong Kong e Macau.

Dessa forma, países com estilos de desenvolvimento diferentes, Brasil e República Popular da China, os quais vêm acelerando os processos de modernização de suas estruturas produtivas desde as décadas de 1960 e 1970, arquitetaram estratégias econômicas distintas, as quais posicionaram seus países em trajetórias díspares em termos da divisão social do trabalho entre as nações, como também de inserção de seus produtos no mercado internacional.

Por sua vez, é importante ressaltar que a compreensão da possibilidade de existência do processo de deterioração dos termos de troca entre estas duas economias será interpretada através de sua vertente conceitual *contábil*.⁵ Isto acontece porque o objetivo desta investigação é esclarecer o significado da deterioração dos termos de troca na estrutura de importação e exportação entre a região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais, dando destaque especial à economia chinesa, mas destacando os seus limites e contradições, sem, no entanto, preocupar-se com as causas da sua deterioração no longo prazo e seus impactos na balança comercial entre os dois espaços regionais.

Desse modo, os estilos de desenvolvimento destes espaços regionais seguiram por caminhos distintos a partir dos anos 1990, uma vez que a região Centro-Oeste aprofundou ações para reforçar suas vantagens comparativas ricardianas, em especial com produtos relacionados a recursos naturais, uma vez que, no cenário nacional, a estrutura do sistema industrial vem sofrendo com o processo de desindustrialização, particularmente no caso da economia paulista, que é o centro do capitalismo brasileiro.

Por outro ângulo, a economia chinesa avança em seu processo de industrialização através de uma política industrial ativa e arquitetada para fazer um *catch-up*

5. Para Rodriguez (2009, p. 131), entende-se como versão contábil “da teoria da deterioração, versão que não se propõe investigar suas causas, mas as razões pelas quais este fenômeno implica a diferenciação do nível médio de renda real entre periferia e centro. Poder-se-á verificar que os instrumentos de análise usados nesta versão são somente de tipo contábil ou de definição; e, do mesmo modo, ela abrange e incorpora uma parte limitada das ideias básicas descritas anteriormente”.

tecnológico, cujo objetivo é transformar sua estrutura industrial de forma que os investimentos migrem de uma matriz industrial enraizada na Terceira Revolução Industrial para a Quarta Revolução Industrial.

Desse modo, a ideia é compreender se as estratégias e ações adotadas na região Centro-Oeste têm favorecido as exportações de seus produtos básicos, de tal forma que sua capacidade de exportação consiga gerar os valores monetários, em moeda forte, suficientes para adquirir os produtos manufaturados provenientes do mercado internacional e, em especial, da China, sem que haja uma deterioração nos termos de troca, os quais podem criar possíveis pontos de estrangulamento, no porvir, na balança comercial entre as duas regiões.

Para edificar essa teia investigativa e, com isso, reconstruir o concreto, mas como pensado, adotaram-se os caminhos metodológicos descritos a seguir. Primeiramente, é importante ressaltar que o contexto histórico é o palco central para a construção do argumento, o qual é tecido enquanto desdobramento de forças antagônicas, que se entrelaçam no tempo e no espaço, e vão se subsumindo umas nas outras para construir uma narrativa histórica. Não é por outro motivo que Furtado (2013) destacou que o desvelamento empírico dos fenômenos do desenvolvimento se cristaliza enquanto subjunção de forças que se entrelaçam no curso da história.⁶

Desse modo, estática e dinâmica caminham *pari passu* uma com a outra, pois retratos da estrutura econômica são capturados e decompostos para verificar como suas particularidades se constituem a partir do universal, em especial destacando suas proporções nesta universalidade. No entanto, as forças antagônicas, ao penetrarem nestas singularidades, acabam movimentando-as no tempo e no espaço, fazendo, por conseguinte, que sua matéria se modifique de tal modo que uma transformação seja predecessora de uma nova estrutura produtiva.

Quer dizer, a reconstrução do concreto pensado se cristaliza a partir dos entrelaçamentos de elementos estáticos (retratos) e dinâmicos (transformações), os quais se integram sobre os efeitos de forças antagônicas, as quais desvelam e reconstroem os fenômenos que transluzem nas novas estruturas econômicas que nascem da subjunção destas forças divergentes.

6. Para Furtado (2013, p. 30), o desvelamento do fenômeno econômico é multideterminado e, por isto, “não é possível isolar o estudo dos fenômenos econômicos em seu quadro histórico. Essa observação é particularmente pertinente com respeito a sistemas econômicos heterogêneos, social e tecnologicamente, como é o caso das economias subdesenvolvidas”.

É neste contexto de contraditórios que será tecido o exercício investigativo, qual seja, verificar como se objetivou o entrelaçamento das forças que movimentam o comércio internacional entre as nações, seus vetores de exportação e importação, porém destacando dois casos específicos, a região Centro-Oeste brasileira e o bloco econômico formado por China, Hong Kong e Macau.

Esse recorte espacial se justifica porque a região Centro-Oeste, desde a entrada da China na OMC em 2001, vem se tornando um grande parceiro comercial do bloco econômico chinês. Neste sentido, verificar como se objetivaram os termos de troca entre estas regiões torna-se importante para saber se há ou não alguma deterioração, a qual pode afetar a própria dinâmica comercial entre as duas regiões no longo prazo.

Por sua vez, Borghi (2020) argumenta que as evidências teóricas do estruturalismo latino-americano da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), mesmo construídas para a compreensão das especificidades centro-periferia, apresenta robustez para entender as especificidades de uma economia periférica, como a brasileira, *vis-à-vis* a economia chinesa. Em particular, em um momento que a corrente de comércio entre estes dois espaços regionais torna-se cada vez mais acentuada, robusta e crescente.

Para reconstruir a estrutura da balança comercial da região Centro-Oeste com o resto do mundo e, em especial, com o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, adaptaram-se os dados secundários provenientes da base de dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Além disso, os dados secundários sobre a estrutura produtiva, agropecuária e indústria, das regiões nacionais e do Centro-Oeste, são oriundos das bases de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por seu turno, os valores das exportações e importações da Secex estão em dólares correntes, e para transformá-los em dólares constantes adotaram-se o Índice de Preços das Exportações (Ipex) e o Índice de Preços das Importações (Ipim) da Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).⁷ Deste modo, todos os dados de exportação e importação encontram-se em dólares constantes de 2021.

Para calcular o Índice de Hirschman-Herfindahl (IHH), que mede a dimensão de um atributo x em relação ao somatório ao quadrado da participação de cada atributo em seu total, adota-se a fórmula a seguir.

$$IHH = \sum_{i=1}^N q_i^2$$

7. Para mais detalhes, ver CNI (2016).

Os parâmetros do grau de concentração do IHH foram apresentados por Macedo (2010, p. 125), que destacou o ponto a seguir.

Para medidas de concentração/diversificação dos mercados de destino e da estrutura de exportação, utilizou-se o tradicional Índice Hirschman-Herfindahl – IHH, muito comum para esse tipo de análise. Valores abaixo de 0,0100 indicam desconcentração; >0,0100 e <0,1000, baixa concentração; >0,1000 e <0,1800, concentração moderada; >0,1800, alta concentração.

Por fim, esta investigação encontra-se estruturada em sete seções. A primeira faz uma apresentação geral da problemática que será objeto de investigação, destacando os seus aspectos centrais, que são o contexto que é tecido o objetivo da pesquisa, como também seus elementos metodológicos. Na seção seguinte, faz-se um desvelamento das evidências teóricas sobre a deterioração dos termos de troca em uma economia de industrialização tardia e edificada em estruturas subdesenvolvidas.

Na terceira seção, discutem-se fatos estilizados da estrutura e dinâmica da economia do Centro-Oeste, em uma visão panorâmica a partir dos anos 1990. Na quarta seção, desvela-se como se encontra a estrutura dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e seus parceiros internacionais. Na quinta seção, faz-se o mesmo movimento anterior, porém destacando como estão estruturados os termos de troca entre a região Centro-Oeste e o seu principal parceiro comercial em nível mundial, o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

Na sexta seção, busca-se compreender como a integração entre os avanços e limites dos estilos de desenvolvimento da região Centro Oeste e do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau tem estabelecido pontos de tensão e contradição nos termos de troca entre os dois espaços regionais, os quais podem afetar a trajetória de crescimento da região Centro-Oeste no longo prazo. Por fim, na última seção, apresentam-se as observações finais sobre o desvelamento do fenômeno investigado.

2 EVIDÊNCIAS TEÓRICAS SOBRE A DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS PRODUTIVAS DE UMA ECONOMIA SUBDESENVOLVIDA E PERIFÉRICA

A discussão sobre a deterioração dos termos de troca (DTT) ganhou expressão no debate internacional com os trabalhos de Raúl Prebisch e Hans Singer, os quais ficaram conhecidos como a *tese de Prebisch-Singer*.⁸ Estes pesquisadores desenvolveram o argumento de que os países periféricos e subdesenvolvidos, ao se especializarem na produção de produtos provenientes de atividades agrícolas ou primárias (matérias-primas), conforme as *vantagens comparativas ricardianas*, apresentariam, no longo prazo, restrições para o crescimento econômico, uma vez que o incremento no valor das exportações de produtos primários não conseguiria expandir além do incremento do valor das importações de produtos manufaturados, cuja origem eram os países centrais, criando, assim, uma deterioração nos termos de troca⁹ entre os países, a qual, no longo prazo, causaria restrições externas para o país periférico.

A tese da deterioração dos termos de troca entre os países centrais e periféricos era uma hermenêutica alternativa à visão ortodoxa, que defendia a tese das vantagens comparativas ricardianas, a qual sinalizava que o meio para os países periféricos impulsionarem o seu crescimento econômico era através da especialização naqueles produtos primários que apresentassem custos relativos menores *vis-à-vis* aos custos dos produtos industrializados dos países centrais.

Para tanto, a proposição teórica que sustentou o argumento é a de que o incremento do progresso técnico edificado nos países centrais estimularia a produtividade média do trabalho nos setores industriais, reduzindo, assim, os preços relativos entre os produtos industriais dos países centrais e o preço dos produtos primários dos países periféricos. Deste modo, os produtos industriais reduziriam, em termos relativos, seus preços nos mercados dos países periféricos.

8. Para Ocampo e Parra (2003, p. 8, tradução nossa), "a tese sobre a tendência de deterioração dos termos de troca dos países em desenvolvimento foi formulada paralelamente por Sir Hans Singer e por Raúl Prebisch no início da década de 1950, em grande medida para explicar os resultados da pesquisa empírica realizada pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, que corroborou essa tendência". No original: "*la tesis sobre la tendencia al deterioro de los términos de intercambio de los países en desarrollo fue formulada paralelamente por Sir Hans Singer y por Raúl Prebisch a principios de la década de 1950, en gran medida para explicar los resultados de investigaciones empíricas realizadas por el Departamento de Asuntos Económicos y Sociales de las Naciones Unidas que corroboraban dicha tendencia*".

9. É importante destacar que, para Rodriguez (2009, p. 131), há "o fato de que não existe uma única versão formal da teoria da deterioração dos termos de troca; há três formulações diferentes, legitimamente diferenciáveis entre si, tanto pela amplitude de seu conteúdo (ou seja, pelo conjunto maior ou menor de ideias gerais que incorporam) como pelos instrumentos de análise, que também variam".

Por sua vez, a especialização produtiva dos países periféricos em produtos primários, defendida pelos neorricardianos da teoria neoclássica do comércio internacional a partir da leitura original de Ricardo,¹⁰ favorece a exportação de produtos desses países para os países centrais e a importação de produtos industrializados dos países centrais, de tal forma que não exista, no longo prazo, restrições externas para os países periféricos.¹¹ Com isto, impulsionariam os seus investimentos, expandindo, por conseguinte, o produto total *per capita* da nação.

Por outro ângulo, Prebisch (2000, p. 71) destacou o ponto a seguir.

Segundo essa premissa, o fruto do progresso técnico tende a se distribuir de maneira equitativa por toda a coletividade, seja através da queda dos preços, seja através do aumento correspondente da renda. Mediante o intercâmbio internacional, os países de produção primária conseguem sua parte desse fruto. Sendo assim, não precisam industrializar-se. Ao contrário, sua menor eficiência os faria perderem irremediavelmente os benefícios clássicos do intercâmbio.

Em síntese, a ideia defendida por Ricardo e seus seguidores foi destacar a importância que a especialização produtiva tem para criar as condições objetivas para a melhoria do bem-estar da população de uma determinada região. Para tanto, as condicionalidades postas pelas leis de mercado devem se sobrepor à intervenção do Estado, uma vez que a estruturação desta estratégia é o caminho natural para o impulsionamento dos investimentos privados, os quais têm um papel central para a expansão do produto *per capita* do país, como também pela indução de estruturas produtivas especializadas em produtos que apresentassem vantagens comparativas *vis-à-vis* aos produtos industriais dos países centrais.

Isso significa, em termos exegéticos, que o mercado se tornaria a via-crúcis para os investimentos privados, pois sinalizaria para os agentes econômicos o contexto

10. Para Ricardo (2015, p. 149), “num sistema de comércio perfeitamente livre, cada país consagra o seu capital e trabalho às actividades que lhe são mais rendosas. Esta procura da vantagem individual coaduna-se admiravelmente com o bem-estar universal. Deste modo, estimulando-se a indústria, premiando-se os inventos e empregando-se o mais eficazmente possível as possibilidades especiais concedidas pela natureza, o trabalho é melhor distribuído e com maior economia, enquanto que, aumentando a produção total, se espalha o bem-estar por toda a parte e se ligam todas as nações do mundo civilizado com os elos do interesse e do intercâmbio. É este princípio que faz com que o vinho seja produzido em França e Portugal, que se cultive o trigo na América e na Polónia e que se fabriquem ferramentas e outros produtos na Inglaterra”.

11. Para Moreira (2012, p. 215), “a teoria neoclássica do comércio internacional foi desenvolvida por Eli F. Heckscher e aprimorada por Bertil G. Ohlin. A ideia central é que o comércio internacional é explicado pelas diferenças de dotação de fatores de produção entre os países, isto é, os países tendem a exportar (importar) bens cuja produção dependa da abundância (escassez) de terra, trabalho e capital.”

econômico, que edificariam suas expectativas para, assim, libertarem seu espírito animal, à maneira de Keynes, no sentido de alocarem os meios necessários (capital, trabalho e terra) em suas funções de produção para maximizarem os lucros. Assim sendo, os países produziram e exportaram produtos que apresentassem vantagens comparativas em relação às economias centrais, e importariam aqueles produtos nos quais os seus custos de produção relativos fossem maiores ante os similares internacionais.

Sucintamente, para a teoria neoclássica do comércio internacional, o argumento que sustenta sua tese é o de que as vantagens comparativas, as quais são tecidas em um contexto de especialização produtiva entre as nações periféricas e centrais, é o caminho natural para provocar o crescimento do produto *per capita* destas nações.¹²

Sendo assim, as vantagens comparativas ricardianas estabeleceriam um meio natural para incrementar a produtividade média do trabalho, a qual reduziria o hiato existente entre os custos relativos dos produtos primários exportados pelas economias periféricas *vis-à-vis* aos produtos industriais importados dos países centrais. Com isto, estabeleceria uma corrente de comércio entre as nações impulsionando, por conseguinte, as transformações nas estruturas produtivas de suas economias.

Desse modo, as economias periféricas seriam dinamizadas, nos parâmetros estabelecidos pelas vantagens comparativas ricardianas, e poderiam caminhar para uma situação de convergência em termos de países de rendas médias. Ou seja, a especialização em produtos primários criaria as bases objetivas para a superação dos entraves ao crescimento destas economias, como também para a sua convergência em termos de renda média com os países centrais.

Apesar disso, o pensamento originário da CEPAL, de 1948, fez uma forte crítica à visão das vantagens comparativas ricardianas, pois destacou que as especificidades das economias latino-americanas não seguiam a mesma lógica causal estabelecida para as economias centrais, uma vez que as especificidades existentes nas economias latino-americanas bloqueavam os efeitos proporcionados pelos ganhos do progresso

12. Para Moreira (2012, p. 217), “independentemente das versões do argumento liberal ou da ‘nova teoria do comércio internacional’ com o pressuposto de economias de escalas e da concorrência imperfeita no comércio mundial, alega-se que as diferenças internacionais não implicariam assimetrias mas complementaridades mutuamente vantajosas: os ganhos de comércio resultantes seriam distribuídos em um jogo de soma positiva, de forma que os ganhos de uns não seriam feitos (na ausência de externalidades) às custas das perdas de outros. Mesmo aqueles deslocados pela concorrência com importados poderiam se especializar, a maior ou menor prazo, em linhas de produção e exportação mais vantajosas que antes. A longo prazo, portanto, o comércio internacional não afetaria o nível de emprego de recursos entre os países, mas apenas sua alocação intersetorial, aumentando a renda real graças aos ganhos de especialização”.

técnico na razão entre os preços dos produtos primários das economias periféricas (P_A) e os preços dos produtos industriais das economias centrais (P_I).

Desse modo, os avanços do progresso técnico, nas economias centrais, não reduziam de forma mais que proporcional os P_I vis-à-vis ao P_A . Por isto que os avanços do progresso técnico nos países centrais não tinham os seus efeitos na razão entre P_I vis-à-vis P_A . Portanto, os países periféricos tinham bloqueios em sua especialização produtiva que impactavam negativamente sua estrutura produtiva, conduzindo, por conseguinte, o país para as situações, no porvir, de desequilíbrios externos.

Para equalizar esse problema, a proposta era atacar os problemas atávicos existentes na estrutura econômica da economia periférica. Uma vez que se mantivesse viva a estratégia enraizada nas vantagens comparativas ricardianas, se observaria uma situação na qual “os centros preservaram integralmente o fruto do progresso técnico de sua indústria, os países periféricos transferiram para eles uma parte do fruto do seu próprio progresso técnico” (Prebisch, 2000, p. 83).

Para tanto, o caminho aparente seria a industrialização das economias periféricas. No entanto, é importante destacar que, na hermenêutica estruturalista, a relação causal que desvela a regularidade, a uniformidade e o padrão do comportamento fenomênico é condicionalizada pela estrutura econômica deste país, a qual tem sua raiz estabelecida no processo histórico de formação desta economia periférica. Para Bielschowsky (2000, p. 20), o pensamento cepalino repousa “sobre a condição de que o processo produtivo se movia sobre uma estrutura econômica e institucional subdesenvolvida, herdada de período exportador”.

Sob outra perspectiva, mesmo avançando no processo de modernização das estruturas produtivas por meio do processo de industrialização das economias periféricas, ainda assim não se observou que as transformações na estrutura industrial foram suficientes para causarem uma destruição criadora no setor industrial no sentido de torná-lo moderno, integrado e dinâmico na geração de inovações tecnológicas, de tal forma que conduzisse a economia pelos caminhos da industrialização plena e superação do subdesenvolvimento.

O fato observado foi a impossibilidade da objetivação do salto mortal da indústria leve para a indústria pesada, uma vez que, além da “criação de estruturas híbridas, uma parte das quais tendia a comportar-se como um sistema capitalista, a outra, a manter-se dentro da estrutura preexistente” (Furtado, 2009, p. 161), houve também problemas de restrições externas que estrangularam a capacidade das exportações em carrear os recursos em moeda forte para fazer face ao processo de substituição de importações.

Desse modo, para compreender o alcance, os limites e as contradições do processo de acumulação de capital de economias periféricas, como no caso brasileiro e, em especial, do Centro-Oeste brasileiro, se faz importante entender sua natureza fundamental, qual seja, a de que se trata de uma economia subdesenvolvida e, por isso, carrega em si mesma um conjunto de contradições que estabelecem limites para o alcance do seu estilo de desenvolvimento no contexto do sistema econômico capitalista.

Como advertiu Furtado (2013, p. 254),

a teoria do subdesenvolvimento cuida do caso especial de situações em que aumentos de produtividade e assimilação de novas técnicas não conduzem à homogeneização social, ainda que causem a elevação do nível de vida médio da população. Essa teoria tem como ponto de partida a visão de Prebisch do capitalismo como um sistema que apresenta uma ruptura estrutural, sistema que ele chamou de centro-periferia.¹³

É neste cenário de um sistema econômico mundial marcado por uma divisão social do trabalho entre as economias centrais e as economias periféricas que Prebisch-Singer desenvolveram a hipótese da deterioração entre os termos de troca entre as nações. Em sua hermenêutica, Prebisch (2000, p. 71) critica a visão de que “cabia à América Latina, como parte da periferia do sistema econômico mundial, o papel específico de produzir alimentos e matérias-primas para os grandes centros industriais”, ao passo que os países centrais eram responsáveis pela produção dos produtos industrializados.

Desse modo, a crítica estruturalista apontou as contradições no princípio de que a difusão do progresso técnico entre os agentes econômicos nos países centrais reduziria os preços dos produtos industriais (P_I), de tal forma que os preços relativos entre P_I e P_A fossem favoráveis para as economias periféricas, ou seja, os preços dos produtos industriais, em termos de preços de produtos agrícolas, fossem promissores para os países periféricos.

13. Como observaram Dávila-Fernandes e Amado (2015, p. 91), o “pensamento cepalino está baseado na percepção de que o sistema internacional é formado por dois polos, o centro (norte) e a periferia (sul), cujas economias são estruturalmente diferentes. (...) Os centros se identificam como as economias possuidoras das técnicas mais avançadas de produção alcançando, desse modo, maiores níveis de produtividade do trabalho e uma maior homogeneização de sua estrutura produtiva e de demanda. A periferia, em contrapartida, é formada por economias atrasadas do ponto de vista tecnológico e organizacional, além de uma marcante heterogeneidade estrutural. Essa heterogeneidade fica evidente na persistência da dualidade entre o setor atrasado rodeado por ilhas de modernidade e na incompatibilidade entre geração e adoção de tecnologias”.

Apesar disso, o fato observado foi o de que havia uma rigidez na redução dos preços dos produtos industriais nos mercados das economias periféricas, a qual criava obstáculos para justificar a estratégia de especialização de produtos básicos por parte das economias periféricas. Assim sendo, as contradições que foram transparecendo no processo de troca mercantil entre as nações centrais e periféricas acarretavam obstáculos externos para o crescimento econômico *per capita*, no longo prazo, das economias periféricas.

Para Dávila-Fernandes e Amado (2015, p. 93), o fenômeno desvelado com a hipótese Prebisch-Singer foi a existência de “uma tendência secular de deterioração dos termos de troca em favor dos bens industrializados e contra os bens primários”.

Além disso, Rodriguez (2009, p. 136) destacou que o conceito deterioração dos termos de troca deve ser interpretado como uma “perda dos frutos do progresso técnico da periferia”, ou uma “transferência dos frutos do progresso técnico da periferia para o centro”, expressões utilizadas nos documentos institucionais (e em outros da CEPAL) para indicar que na periferia a renda real por habitante cresceria menos que a produtividade.

Desse modo, o significado do conceito de deterioração dos termos de troca traz alguns pressupostos que merecem reflexão adicional para uma contextualização dos desdobramentos que podem acontecer em uma economia marcada pelos atributos: i) periférica; ii) dependente; e iii) subdesenvolvida. Todos estes elementos em conjunto delineiam um estilo de desenvolvimento que marcou profundamente a constituição das estruturas econômicas, sociais e culturas brasileiras, uma vez que a passagem de uma economia subdesenvolvida para desenvolvida tornou-se um mito, quer dizer, uma simbologia de uma transformação estrutural que não conseguiu romper os limites e alcances de uma economia marcada por estruturas híbridas.

Para Furtado (1974, p. 87), “a ideia do desenvolvimento econômico é simplesmente mito (...) a transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento é dificilmente concebível no quadro da dependência”. Ou seja, em uma economia periférica, na qual o padrão de consumo é delineado nas economias centrais, e por isto, com uma forte conotação cultural que expressa estes valores, a difusão de um padrão de consumo é estabelecida pela estrutura de oferta dos países centrais – quer dizer, os países periféricos reforçam sua dependência cultural dos países centrais,¹⁴ restringindo, por conseguinte, o alcance do mercado interno e acelerando o processo de concentração de renda.

14. Para mais detalhes, ver Furtado (1984).

Dessa forma, o processo de desenvolvimento dessa economia está condicionado por sua estrutura econômica em que o progresso técnico se distribuiu, entre os agentes econômicos e as regiões, de forma assíncrona, estabelecendo, por conseguinte, uma formação econômica marcada por uma heterogeneidade estrutural e produtiva,¹⁵ a qual reforça os alicerces de uma economia subdesenvolvida.

Em outras palavras, o capital penetrou, historicamente, nas estruturas produtivas dessa economia de tal forma que condicionou o rumo, o ritmo e o alcance das transformações estruturais, uma vez que a distribuição do progresso técnico se cristalizou de forma assimétrica entre aqueles agentes econômicos que se lançaram pelos caminhos da modernização e aqueles que se mantiveram presos aos grilhões da economia de subsistência e tradicional.

Desse modo, Carneiro (2006, p. 75) destacou que “o subdesenvolvimento é visto como uma versão parcial e bloqueada do desenvolvimento. De um lado, pela propagação desigual do progresso técnico e, de outro, pela transmissão restrita dos ganhos de produtividade aos salários”. Isto posto, a propagação desigual do progresso técnico, em nível geral, entre países centrais e periféricos, bem como específico, internos à economia nacional, tem sua natureza estabelecida pela subjunção de forças que projetam o moderno e arcaico, no mesmo espaço e tempo, nas estruturas produtivas, uma vez que as inovações tecnológicas não foram incorporadas de forma equânime entre os agentes econômicos. No caso de países periféricos como o Brasil, os avanços tecnológicos vieram via padrão de consumo dos países centrais, e não como fruto de uma política industrial autônoma e dinamizadora dos setores industriais.

É no contexto de crítica à tese de que o estilo de desenvolvimento marcado pelas vantagens comparativas ricardianas seria o meio natural para as transformações econômicas das economias periféricas que Prebisch-Singer questionaram esta evidência teórica do *mainstream economics*. Para Prebisch-Singer, a pergunta que deveria ser respondida seria: mantendo estável o volume de exportação de matérias-primas e alimentos dos países periféricos, o que aconteceria, no tempo e no espaço, com sua capacidade de importar produtos industriais dos países centrais?

É neste sentido que a ideia da deterioração dos termos de troca ganhou expressão no debate sobre o desenvolvimento dos países latino-americanos e caribenhos, visto que, para Prebisch (1986, p. 195),

15. O conceito de heterogeneidade estrutural e produtiva encontra-se em Pinto (2000a).

esse fenômeno é suficiente para explicar a tendência de queda dos preços dos produtos primários em relação aos manufaturados. Desde os primórdios da Cepal, explicamos que essa tendência teve uma influência muito séria nas relações entre os centros e a periferia. Além disso, à medida que o progresso técnico penetra neste último e eleva a renda, manifesta-se também o mesmo fenômeno de diversificação incessante da demanda, geralmente acentuado por grandes falhas na distribuição de renda. Esse fenômeno é suficiente para explicar a tendência de queda dos preços dos produtos primários em relação aos manufaturados.¹⁶

Dessa maneira, a forma das relações mercantis estabelecidas entre as economias centrais e periféricas tornou-se o eixo analítico para se compreender os efeitos do progresso técnico nos termos de troca entre as nações. Para tanto, Prebisch-Singer desenvolvem, em momentos distintos do tempo e espaço, a tese de que “os termos de troca líquidos entre produtos primários (matérias-primas) e manufaturados estão sujeitos a uma tendência de queda de longo prazo” (Toye e Toye, 2003, p. 437, tradução nossa).¹⁷

Para Toye e Toye,

o significado contínuo da ‘tese Prebisch-Singer’ é que ela implica que, salvo grandes mudanças na estrutura da economia mundial, os ganhos do comércio continuarão a ser distribuídos de forma desigual (e, alguns acrescentariam, injustamente) entre as nações exportando principalmente produtos primários e os que exportam principalmente manufaturados (2003, p. 437, tradução nossa).¹⁸

Com esse fim, a assertiva destaca alguns elementos que merecem uma reflexão adicional. Primeiro, as economias periféricas apresentaram processos de industrialização em momentos distintos do tempo quando comparado com as economias centrais. Isto significou que a estrutura concorrencial do capital estabeleceu uma condicionabilidade no processo de formação econômica destas economias, visto que o processo

16. No original: “este fenómeno basta para explicar la tendencia al deterioro de los precios de los productos primarios en relación con los bienes manufacturados. Desde los primeros tiempos de la CEPAL hemos explicado que esta tendencia influía muy seriamente en las relaciones entre los centros y la periferia. Más aún, conforme el progreso técnico va penetrando en esta última y elevando el ingreso se manifiesta también el mismo fenómeno de diversificación incesante de la demanda, acentuada generalmente por las grandes fallas en la distribución del ingreso”.

17. No original: “The net barter terms of trade between primary products (raw materials) and manufactures have been subject to a long-run downward trend”.

18. No original: “The continuing significance of the “Prebisch-Singer thesis” is that it implies that, barring major changes in the structure of the world economy, the gains from trade will continue to be distributed unequally (and, some would add, unfairly) between nations exporting mainly primary products and those exporting mainly manufactures”.

de industrialização dos países seguiu uma lógica hierárquica, a qual foi estabelecida pelo capital. Sendo assim, as fases do desenvolvimento do capital industrial foram: i) industrialização originária; ii) industrializações de primeira e segunda ondas; e, por fim, iii) industrializações tardias.¹⁹

É neste contexto que Raúl Prebisch apontou que os desdobramentos da divisão social do trabalho entre as regiões centrais e periféricas podem determinar restrições para o desenvolvimento das economias subdesenvolvidas e periféricas.²⁰ Nas economias centrais, ou seja, aquelas que tiveram seus processos de desenvolvimento e industrialização na etapa do capitalismo concorrencial, observa-se a existência de uma modernização das estruturas produtivas que se objetivou através da difusão e distribuição do progresso técnico de forma mais equânime entre os agentes produtivos.

Por sua vez, nas economias periféricas e subdesenvolvidas, observa-se que o processo de modernização não teve forças suficientes para transformar efetivamente as estruturas produtivas destas economias, e que o progresso técnico não se difundiu de forma equânime entre os agentes econômicos, criando, assim, estruturas produtivas marcadas, no mesmo espaço e tempo, pelo moderno e pelo atrasado, convivendo concomitante entre si.

Melhor dizendo, no mesmo sistema econômico mundial, existem economias que avançaram em seu processo de industrialização e, com isto, modernizaram suas estruturas produtivas, como foram os casos das economias centrais, mas, por seu turno, há também outras economias em que o processo de modernização não foi completo e, por isso, consolidaram uma estrutura produtiva heterogênea, ou seja, marcada por uma dualidade, na qual o moderno e o atrasado convivem no mesmo espaço e tempo, bem como com dependência tecnológica e financeira das economias centrais.²¹

Neste ponto, Furtado (2013, p. 73, grifo nosso) destacou que

a essa diferença na evolução das estruturas sociais deve-se a heterogeneidade que marcará definitivamente o sistema capitalista e a situação de dependência em

19. Para mais esclarecimentos, ver Oliveira (2003) e Mello (1991).

20. Para Carneiro (2006, p. 74), “no seu texto introdutório e no relatório subsequente, publicado no final dos anos 1940 (Cepal, 1988), o autor faz a crítica à ideia do desenvolvimento fundado nas vantagens comparativas com base na divisão internacional do trabalho então prevalecente, da qual participavam países produtores de bens primários e de bens industrializados”.

21. É importante ressaltar a relação existente entre dependência e subdesenvolvimento. Para Furtado (2013, p. 187), “este ponto põe em evidência que o fenômeno que chamamos dependência é mais geral do que o subdesenvolvimento. Toda economia subdesenvolvida é necessariamente dependente, pois o subdesenvolvimento é uma criação da situação de dependência”.

que permanecerão amplas áreas. Que o sistema capitalista se haja estruturado nas polaridades centro-periferia, desenvolvimento-subdesenvolvimento, dominação-dependência é essencialmente um fato histórico, que a ninguém ocorreria considerar como uma “necessidade”, consequência inelutável da expansão do modo capitalista de produção. Mas esse fato histórico iria condicionar a evolução subsequente das estruturas do sistema.

É neste contexto de economias centrais e periféricas que a tese de Prebisch-Singer ganhou espaço no debate internacional, pois para Prebisch a difusão do progresso técnico entre as economias centrais e periféricas era distribuída de forma desigual. Desse modo, Toye e Toye (2003, p. 445, tradução nossa) afirmaram que “em 1948, Prebisch tinha chegado à ideia de que os frutos do progresso técnico poderiam ser distribuídos desigualmente, uma ideia que mais tarde ele refinaria e integraria sua explicação do fenômeno do declínio secular”.²²

Sendo assim, as premissas centrais que sustentaram as ideias de Raúl Prebisch, como também do corpo teórico da CEPAL, foram que as economias da América Latina apresentavam estruturas econômicas pouco diversificadas e integradas, tendo, assim, o setor primário-exportador o seu centro de decisão nas economias centrais.²³ Isso aconteceu porque a dinâmica econômica dos países periféricos dependia das deliberações estabelecidas nos países centrais, os quais eram autônomos em suas decisões de investimento.

Isso posto, o processo de formação dessas economias acabou edificando o subdesenvolvimento, que é um fenômeno próprio de economias periféricas e dependentes. Como apontou Furtado (2013, p. 128, grifo nosso),

o efeito do impacto da expansão capitalista sobre as estruturas arcaicas variou de região para região, ao sabor de circunstâncias locais, do tipo de penetração capitalista e da intensidade desta. *Contudo, a resultante foi quase sempre a criação de estruturas híbridas, uma parte das quais tendia a comportar-se como um sistema capitalista, a outra, a manter-se dentro da estrutura preexistente.* Esse tipo de economia dualista constitui, especificamente, o fenômeno do subdesenvolvimento contemporâneo.

Desse modo, o subdesenvolvimento é um fenômeno complexo e multideterminado, uma vez que é resultado da síntese de forças internas e externas, as quais são subsumidas no processo histórico de edificação das estruturas econômicas periféricas que estão

22. “Prebisch had clearly by 1948 arrived at the idea that the fruits of technical progress could be distributed unequally, an idea that he would later refine and integrate into his explanation of the secular decline phenomenon” (Toye e Toye, 2003, p. 445).

23. Para mais detalhes, ver Bielschowsky (2000) e Rodríguez (2009).

integradas ao sistema econômico capitalista mundial.²⁴ Estas diferenças acabam se objetivando nos termos de troca entre as economias periféricas e as economias centrais.

Como destacaram Toye e Toye (2003, p. 438, tradução nossa),

um efeito ocorre por causa das sistemáticas diferenças institucionais nos mercados de produtos e fatores, como custos mais elevados e a sindicalização do trabalhador na indústria. Outra influência negativa é a do progresso técnico, tanto pela distribuição assimétrica de seus frutos, como também pelo seu impacto assimétrico na demanda futura, que é favorável à indústria e desfavorável à agricultura.²⁵

Dessa forma, Carneiro (2006, p. 74) ressaltou que “na identificação dos fatores responsáveis por essa tendência, Prebisch sugere a importância das estruturas de oferta, como fator crucial” – quer dizer, como foi edificado, institucionalmente e economicamente, a estrutura produtiva (agrícola e industrial) entre os países cêntricos e periféricos. Além disso, é importe averiguar também como se cristalizou a difusão e propagação do progresso técnico entre os setores econômicos das economias periféricas *vis-à-vis* às economias centrais. Para Carneiro (2012, p. 8), “a deterioração dos termos de troca seria a resultante da propagação lenta e desigual do progresso técnico”. Este ponto é de suma importância para a compreensão das limitações estabelecidas pelo estilo de desenvolvimento ao lado da oferta nas economias periféricas que se industrializaram tardiamente. Isto aconteceu porque o progresso técnico foi impulsionado nestas economias pela via da demanda e não pela oferta, quer dizer, se cristalizou por intermédio do padrão de consumo e não como resultante do esforço dos agentes econômicos em desenvolverem conhecimento e inovações tecnológicas com o fito de modernizarem suas estruturas produtivas para ampliarem sua participação nos mercados regionais, nacionais e internacionais.

Esse fato reforça a dependência tecnológica das economias periféricas *vis-à-vis* às economias centrais, porque não há um desenvolvimento tecnológico autônomo, seja por

24. Como destacou Furtado (2013, p. 176), “uma observação mesmo superficial da história moderna põe em evidência que formações sociais assinaladas por grande heterogeneidade tecnológica, marcadas desigualdades na produtividade do trabalho entre áreas rurais e urbanas, uma proporção relativamente estável da população vivendo no nível de subsistência, e crescente subemprego urbano, isto é, as chamadas economias subdesenvolvidas estão intimamente ligadas à forma como o capitalismo industrial cresceu e se difundiu desde seus começos”.

25. No original: “One effect occurs because of systematically different institutional features of product and factor markets, such as cost plus pricing and the unionization of labor in industry. Another negative influence is that of technical progress, both from the asymmetric distribution of its fruits, but also from its symmetric impact on future demand, favorable to that of industry while unfavorable to that of agriculture” (Toye e Toye, 2003, p. 438).

parte do Estado, seja, então, por parte do setor privado. Quer dizer, não há um agente econômico que impulse o seu espírito animal no sentido de garantir os investimentos necessários para induzir uma onda de destruição criadora schumpeteriana, cujo propósito é criar novos produtos, novos mercados, novas fontes de matérias-primas, novos desenhos institucionais e novos processos de produção.

Sem esse tipo de inovação tecnológica, não há como acelerar o processo de concentração e centralização do capital para impulsionar a inserção dos agentes econômicos em novas fronteiras tecnológicas, como também de acumulação de capital.

Sem essa estratégia de ação impulsionada por uma política industrial ativa e consciente de suas ações de curto, médio e longo prazos, as economias periféricas de industrialização tardia simplesmente incorporam parcialmente conhecimento e inovações tecnológicas, as quais foram desenvolvidas para atenderem às demandas das empresas nas economias centrais.

Como destacou Furtado (2013, p. 262, grifo nosso),

graças à teoria do subdesenvolvimento, sabemos que a inserção inicial no processo de difusão do progresso tecnológico pelo lado da demanda de bens finais de consumo conduz a uma conformação estrutural que bloqueia a passagem do crescimento ao desenvolvimento.

Sucintamente, o processo de modernização das estruturas produtivas das economias periféricas,²⁶ via difusão do progresso técnico originário das economias centrais, incorporou a ciência, inovação e tecnologia (CI&T) nas funções de produção dos agentes econômicos da periferia de forma assimétrica, dependente e condicionada pelo padrão de consumo das economias centrais. Desse modo, houve um descompasso entre a estrutura da oferta e da demanda nos países periféricos, fato este que reforçou os problemas atávicos de uma economia subdesenvolvida e de industrialização tardia.

Isso significa que o padrão de consumo das economias periféricas não estava em conformidade com as especificidades de sua estrutura produtiva, especialmente a industrial. Quer dizer, não estava aderente à demanda das empresas locais, pois foram edificadas para atenderem uma natureza concorrencial e de acumulação de capital dessemelhante daquela encontrada na periferia do capitalismo. Para Furtado (2013, p. 181), “a tecnologia incorporada aos equipamentos importados não se relaciona com o nível

26. Para Furtado (2013, p. 180), “chamaremos de modernização a esse processo de adoção de padrões de consumo sofisticados (privados e públicos) sem o correspondente processo de acumulação de capital e progresso nos métodos produtivos”.

de acumulação de capital alcançado pelo país e sim com o perfil da demanda (o grau de diversificação do consumo) do setor modernizado da sociedade”.

Desse modo, a estrutura industrial, ao avançar da industrialização leve para a pesada, criava restrições externas, pois a capacidade de exportação de produtos com baixo valor agregado não conseguia carrear moedas fortes e conversíveis em quantidade suficiente para financiarem as importações de bens de capital que eram necessários para alimentarem o processo de modernização da estrutura produtiva nacional, acarretando, assim, crises cambiais que abortavam os avanços para os estágios superiores do processo de industrialização.

Sendo assim, os esforços para acelerar o salto mortal entre a industrialização leve e a pesada acabou esbarrando em crises de balanço de pagamentos. Tudo isso reforçou a dependência tecnológica das economias periféricas, como também moldou ainda mais sua estrutura de oferta ao padrão de consumo das economias centrais, aprofundando, por conseguinte, no tempo e espaço, os traços de dependência tecnológica e concentração de renda.

Não é por outro motivo que Furtado (2013, p. 228) salientou que “assim, o subdesenvolvimento passou a ser visto como uma conformação estrutural e não como uma fase evolutiva”. Este ponto é uma crítica à tese de Rostow (1959)²⁷ dos estágios de crescimento, quer dizer, que o acesso ao desenvolvimento se objetivaria através da superação de etapas estabelecidas de forma hierárquica e de superação entre si mesmas. Quer dizer, passa-se da i) sociedade tradicional; para ii) sociedade que criou as pré-condições para a decolagem; para iii) sociedade da decolagem; para, em seguida, atingir iv) a marcha para a maturidade; e, por fim, v) a sociedade de massas.

Em contrapartida, o pensamento estruturalista apresentou uma interpretação alternativa ao *mainstream economics*, todavia fazendo uma forte crítica à tese defendida pela ortodoxia da convergência, no tempo e espaço, entre as estruturas produtivas das economias periféricas e centrais.

Para os cepalinos, a difusão do progresso técnico, de forma assimétrica, condicionava um processo de modernização das unidades produtivas de tal forma que a subjunção entre as economias atrasadas, de subsistência e modernas não eram plenamente efetivadas, uma vez que suas trajetórias de modernização não eram convergentes, mas

27. Desse modo, a fase da decolagem para Rostow (2010, p. 181) é “o intervalo durante o qual a taxa de investimento cresce de tal modo que aumenta o produto real *per capita*, proporcionando esse aumento inicial transformações radicais na técnica de produção e na disposição dos fluxos de renda que perpetuam a nova escala de investimento e, assim, perpetuam também a tendência crescente do produto *per capita*”.

sim assimétricas, aprofundando, portanto, a heterogeneidade estrutural e produtiva do tecido econômico nacional.

Isso se cristalizou porque, de um lado, houve uma integração de unidades de produção com os mercados regional, nacional e internacional, potencializando, ainda mais, a modernização de suas estruturas produtivas, mas, de outro lado, existiram também unidades produtivas em que as forças da modernização não foram suficientemente densas para transformarem seus processos produtivos. Quer dizer, estas unidades de produção não apresentaram uma integração entre forças internas e externas suficientemente fortes para expandirem o progresso técnico de forma efetiva entre os seus agentes econômicos com o fito de libertarem-nos dos grilhões que lhe prendiam à economia de subsistência e tradicional.

Esse ponto é de suma importância na construção do pensamento cepalino, porque desvela as restrições que são postas ao estilo de desenvolvimento e suas implicações nos atávicos problemas de heterogeneidade estrutural e produtiva, os quais têm um papel de destaque na edificação dos caminhos que servem de esteio para a construção de estruturas produtivas modernas.

Sendo assim, é na subjunção entre essas restrições, as estratégias e ações para a promoção do moderno que se cristalizaram as contradições nas estruturas produtivas periféricas, pois o moderno e o atrasado se expressaram como resultantes-sínteses dos atos do filho de Apolo. Ou seja, o subdesenvolvimento é expressão unívoca que olha ao mesmo tempo para o moderno e para a barbárie. Para Furtado (2013, p. 275), “o subdesenvolvimento, como o deus Jano, tanto olha para a frente como para trás, não tem orientação definida. É um impasse histórico que espontaneamente não pode levar senão a alguma forma de catástrofe social”.

Entre as principais restrições, encontram-se os limites postos para o avanço do processo de industrialização, uma vez que as restrições externas determinaram uma fronteira de difícil transposição para o progresso da acumulação de capital nas economias subdesenvolvidas de industrialização tardia. Ou seja, os investimentos industriais demandaram uma massa de capital e tecnologias complexas que não conseguiram ser sancionadas de forma efetiva pelo setor exportador de produtos primários da economia periférica. Sendo assim, o desvelamento desta contradição era sentido, primeiramente, no balanço de pagamentos, por meio de fortes crises cambiais.

Além do que, as decisões de investimentos colocaram em pauta outras questões, as quais estabeleciam travas para o processo de desenvolvimento, ou seja, o agravamento da dependência tecnológica em relação aos países centrais, como também a dependência financeira para a efetivação dos investimentos de médio

e longo prazo, os quais eram demandados pela industrialização pesada para superar sua fase de subdesenvolvimento.

Como destacou Rodriguez (2009, p. 137), “por trás da explicação do significado da deterioração, estão presentes a especialização e a heterogeneidade estruturais, características maiores do polo periférico do sistema econômico mundial”. Ou seja, as implicações da deterioração dos termos de troca, dentro de uma abordagem estruturalista, acabam reforçando os eixos centrais do subdesenvolvimento, que estão enraizados nas questões relacionadas com a especialização das estruturas produtivas naqueles setores que apresentam maiores vantagens comparativas e locais, como também na distribuição de forma assimétrica dos frutos do progresso técnico entre os agentes econômicos, os quais reforçam ainda mais os problemas de heterogeneidade estrutural e produtiva.

Por outro ângulo, Carneiro (2006, p. 76) apontou que

a partir das contribuições da economia política latino-americana, poder-se-ia caracterizar o subdesenvolvimento como uma insuficiência em três planos distintos: na esfera da propriedade, ou da baixa centralização de capitais; na esfera financeira, ou da pequena capacidade de mobilização de recursos; e na esfera produtiva, ou da incompatibilidade entre as escalas de produção definidas pelo padrão tecnológico prevalente e o tamanho do mercado local. Como consequência, a industrialização dessas economias teria, necessariamente, de lançar mão do capital externo, o que as colocaria na dependência do padrão de concorrência intercapitalista vigente nas economias centrais.

Desse modo, a superação dos entraves estabelecidos pelo subdesenvolvimento de economias periféricas reforçou uma situação de causalidade circular, na qual a superação do subdesenvolvimento, por meio da industrialização, trouxe à luz as próprias contradições do processo de industrialização, ou seja, a incapacidade de edificação de uma massa de recursos financeiros para o financiamento dos bens de capital e de infraestrutura, como também a dependência em relação ao progresso técnico externo. Em cada avanço deste processo de industrialização, as restrições externas foram postas, em especial, por causa da deterioração dos termos de troca entre as economias centrais e periféricas.

Dessa maneira, a próxima seção tem o objetivo de reconstruir o processo de formação das estruturas produtivas da região Centro-Oeste, em seu cenário posterior aos

anos 1990, para se compreender como o vetor externo moldou a estrutura de comércio exterior da região Centro-Oeste brasileira com os seus parceiros comerciais, porém dando um destaque especial para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

3 FATOS ESTILIZADOS DA ESTRUTURA E DINÂMICA DA ECONOMIA DO CENTRO-OESTE: UMA VISÃO PANORÂMICA A PARTIR DOS ANOS 1990

As transformações nas estruturas produtivas da região Centro-Oeste se objetivaram a partir de meados dos anos 1960, quando os programas de desenvolvimento regional, promovidos pelo governo federal, tiveram um papel importante na edificação do processo de modernização conservadora²⁸ das economias dos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e do Distrito Federal.

Esses programas, em conjunto com as políticas de crédito do Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), a Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM),²⁹ e inovações tecnológicas desenvolvidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e suas congêneres estaduais, impulsionaram a penetração da Revolução Verde neste espaço regional, a qual teve o papel de adaptar o Cerrado para a produção de culturas com forte inserção nos mercados internacionais.

Nesse sentido, o Centro-Oeste foi inserido no circuito de valorização do capital no território nacional tendo, por conseguinte, a soja como vetor para a propagação das inovações tecnológicas (mecânicas, biológicas e físico-químicas) em sua estrutura de produção agropecuária. Por sua vez, esse processo de modernização da estrutura agropecuária se cristalizou em uma estrutura fundiária marcada pela concentração da propriedade da terra nas mãos de médios e grandes proprietários rurais.³⁰

Segundo os dados dos Censos Agropecuários do IBGE de 2006 e 2017, a área média dos estabelecimentos agropecuários nacionais, em 2006, era 64,5 hectares, ao passo que, em 2017, era 69,3 hectares. Em relação à região Centro-Oeste, observa-se que os valores foram mais acentuados *vis-à-vis* à média nacional. Em 2006, a área média dos estabelecimentos agropecuários centro-oestinos era 331,8 hectares e, em 2017, 326,7 hectares.³¹ Ou seja, em 2006, a área média dos estabelecimentos agropecuários no Centro-Oeste era pouco mais que o quádruplo daquela verificada para a média nacional,

28. Para mais detalhes, ver Pires (2008).

29. Para mais detalhes sobre o programa, ver Bacha (2004).

30. Para mais detalhes, ver Pires (2008) e Heck (2019).

31. Para mais detalhes, ver Heck (2019) e Pires (2008).

ao passo que, em 2017, a área média centro-oestina era pouco mais que o quádruplo da observada para a média nacional.

Sendo assim, a soja foi penetrando, no espaço e no tempo, nas estruturas agrícolas das unidades produtivas dos estados que edificam a região Centro-Oeste, porém em consórcio com a cultura do milho, impulsionando, deste modo, a produção de um excedente agrícola, o qual teve um papel singular para acelerar a modernização de parte das unidades de produção agropecuária da região.

É neste cenário de avanços assimétricos do progresso técnico entre os produtores rurais que é arquitetada e reforçada a heterogeneidade estrutural e produtiva entre os setores produtivos centro-oestinos. Ou seja, os avanços tecnológicos incorporados em partes das unidades de produção aceleraram o tempo da sua transformação, porém não tiveram forças suficientes para penetrarem de forma mais profunda naqueles sistemas de produção que ainda estavam amarrados aos grilhões da agricultura de subsistência e tradicional.

Dessa forma, o avanço da modernização da estrutura da agropecuária no Centro-Oeste impulsionou a geração de um excedente agrícola, em uma estrutura agropecuária marcada pela heterogeneidade estrutural e produtiva, que incentivou a entrada, a partir dos anos 1980, das grandes empresas *trading companies* (TC) neste espaço regional.³² Desse modo, as condições objetivas para a cristalização de alguns setores industriais estavam estabelecidas na região.

Além disso, os programas de incentivo e benefícios fiscais estaduais, assim como os créditos públicos por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e Banco do Brasil (BB), por meio do Fundo Constitucional do Centro-Oeste (FCO), impulsionaram os investimentos nos setores agropecuários e industriais, em particular naquelas instâncias relacionadas com os setores baseados em recursos naturais.³³

Com o aprofundamento da crise fiscal e financeira do governo federal, como também os desequilíbrios macroeconômicos, o Brasil aprofundou a agenda de reformas econômicas estabelecidas pelo Consenso de Washington, a qual foi condicionada pela reestruturação da dívida externa definida no acordo do Plano Brady (1992-1994).

Dessa maneira, a abertura comercial, a desregulamentação dos mercados e a redução do papel do Estado na economia estabeleceram as condições objetivas para

32. Para mais detalhes, ver Castro e Fonseca (1995).

33. Para mais detalhes, ver Pires (2008).

a integração dos mercados locais e regionais ao eixo de expansão do mercado globalizado. Nesta conjuntura, o local e o global se integraram de forma efetiva, de tal forma que “as corporações têm mais poder de controlar o espaço, tornando lugares individuais bem mais vulneráveis aos seus caprichos” (Harvey, 2013, p. 92).

Desse modo, os Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento (Enids), implementados durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, tiveram um papel central para a integração da região Centro-Oeste aos mercados regionais e globalizados. Isso aconteceu porque os agentes econômicos centro-oestinos, para ganharem competitividade nos mercados globais, tiveram que incorporar, de forma maciça, inovações tecnológicas em seus sistemas produtivos para reduzirem os custos de produção, como também para ampliarem o excedente agropecuário.

Dessa maneira, os investimentos de modernização e expansão de capacidade produtiva impulsionaram uma onda de destruição criativa no meio agropecuário centro-oestino, a qual teve um papel primordial no incremento da produção que se encontrava interligada aos principais elos das cadeias produtivas locais, regionais e internacionais.

Com a integração desses mercados, a lógica da *agricultura científica globalizada*³⁴ se consolidou, tendo, assim, o mercado como meio de sinalização das tendências produtivas para a região. Por sua vez, a dependência do Estado, como verificado na época da Revolução Verde, aos poucos foi reduzida, visto que o capital financeiro, por intermédio de diversos fundos – como, por exemplo, *pensão, soberanos, hedge, endowments, private equity* e seguradoras, bancos privados nacionais e internacionais e indivíduos com alto patrimônio e renda –, foi, aos poucos, fortalecendo sua influência e participação em ações relacionadas ao financiamento do investimento para a modernização da estrutura produtiva da região Centro-Oeste.

Desse modo, contratos mercantis e financeiros foram firmados entre produtores rurais e as *trading companies*, as agroindústrias processadoras de matérias-primas agropecuárias, como também com os agentes financeiros representantes dos fundos de investimentos para compra e venda do excedente agropecuário realizado neste espaço regional. Dessa forma, os laços que foram tecidos entre os produtores rurais e as instituições públicas de financiamento e inovações tecnológicas elaboradas no período da Revolução Verde foram, aos poucos, metamorfoseados por laços com o

34. Para Frederico (2013, p. 14), o modelo da agricultura científica globalizada deve ser compreendido como um fenômeno que vai “além do uso dos novos sistemas técnicos informacionais, [pois a] a agricultura científica globalizada também se caracteriza por uma forma de regulação política. Na fronteira agrícola moderna, o poder das grandes empresas (*tradings, agroindústrias, sementes, fertilizantes e agrotóxicos*) se expressa através da regulação das inovações tecnológicas, do financiamento de custeio, do fortalecimento de insumos, do comércio e da logística de circulação dos grãos”.

capital privado, em especial com o financeiro. À vista disto, o período da agricultura científica globalizada foi marcado pela maior participação e articulação do capital privado *vis-à-vis* ao Estado no sistema produtivo da região Centro-Oeste.

É nesse contexto que a estrutura da agropecuária centro-oestina reforçou o seu estilo de desenvolvimento ancorado na estratégica de reforçar os atributos das vantagens comparativas ricardianas, em especial naqueles setores relacionados aos recursos naturais. Desse modo, as culturas da soja, do milho, da cana-de-açúcar e, recentemente, do algodão tornaram-se os principais produtos da pauta de produção e de exportação desse espaço regional.

No caso do setor agrícola, os dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) do IBGE para a região Centro-Oeste apontam que a cultura da soja (em grão) respondeu por quase 43% do valor bruto da produção agrícola (VBPA) brasileira para o ano de 2020, ao passo que o milho (em grão) aglutinou quase 19%, a cana-de-açúcar, pouco mais de 15%, e, por fim, o algodão herbáceo (em caroço), quase 5% do total brasileiro. Na conjuntura específica da região Centro-Oeste, o estado de Mato Grosso foi responsável por pouco mais de 58% do VBPA centro-oestino, seguido por Goiás, com pouco mais de 22%, Mato Grosso do Sul, com 19,2%, e, por fim, pelo Distrito Federal, com 0,6%.

Já em relação à cultura do milho (em grãos), observa-se que o estado de Mato Grosso respondeu por 53% do VBPA da região Centro-Oeste, seguido por Mato Grosso do Sul, com quase 25%; Goiás, com 21%, e, por fim, o Distrito Federal, com pouco mais de 1% do VBPA deste espaço regional. Especificamente para a cultura da cana-de-açúcar, observa-se que o estado de Goiás respondeu por pouco mais de 50% do VBPA centro-oestino, enquanto o estado de Mato Grosso do Sul, por aproximadamente 39%, e, por fim, o estado de Mato Grosso, com 11%. Por sua vez, pouco mais de 94% do VBPA da cultura do algodão herbáceo concentra-se no estado de Mato Grosso, enquanto no estado de Goiás sua participação foi de 3%, e no estado de Mato Grosso do Sul concentrou-se em 2,6%.

No caso da estrutura industrial, Pires (2019, p. 23) observou que no

ano de 2016, constata-se que o setor de fabricação de produtos alimentares, mesmo apresentando uma redução em sua participação, quando comparado a 2007, ainda assim foi o principal responsável pela produção industrial centro-oestina, uma vez que respondeu por quase 55,0% do valor bruto total da produção industrial dessa região. Em seguida, vieram os setores de fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis, com pouco mais de 10,0%, produtos químicos, com 8,3%, fabricação de celulose, papel e produtos de papel, com outros 3,7%, bebidas, com 3,1% e, por fim, o setor de fabricação de produtos de minerais não metálicos, com 2,6%. Juntos, esses setores aglutinaram quase 83,0% do valor bruto total da produção industrial da região Centro-Oeste.

Em síntese, observa-se que a estrutura agrária e agrícola do Centro-Oeste concentrou-se, predominantemente, em médias e grandes propriedades rurais nas quais prevalece a produção de poucas culturas, tendo a soja, o milho, a cana-de-açúcar e o algodão como os principais vetores para abastecer os elos das cadeias produtivas locais, nacionais e internacionais. No caso do setor industrial, há uma primazia de setores que apresentam vínculos mais estreitos com a agricultura, quer dizer, os setores industriais baseados em recursos naturais,³⁵ tendo como principal destaque o setor de alimentos.

Sendo assim, o processo de modernização das estruturas produtivas centro-ocidentinas se cristalizou em bases marcadas pela difusão assimétrica do progresso técnico entre as unidades de produção agropecuárias e industriais, que acabaram reforçando um estilo de desenvolvimento edificado em uma base econômica marcada pela heterogeneidade estrutural e produtiva, na qual os setores modernos e os atrasados e de subsistência convivem no mesmo espaço e tempo. Todos estes fatos reforçam um problema atávico destas formações econômicas, que é o subdesenvolvimento e a dependência, em particular por inovações tecnológicas e financeiras provenientes dos países centrais.

Como evidenciado por Scoleso (2022, p. 24), “o agro brasileiro traz pouco retorno social e colabora com a desestruturação da economia industrial na medida em que os investimentos em ciência e tecnologia são frutos de investimentos internacionais, o que causa também dependência técnica e tecnológica”.

É nesse cenário estrutural que o estilo de desenvolvimento arquitetado para a região Centro-Oeste a partir dos anos 1990 estabeleceu uma natureza de produção cujo eixo de expansão projeta-se para os mercados internacionais. Desse modo, a próxima seção tem por objetivo fazer uma análise deste processo de integração entre a estrutura produtiva centro-ocidental e seus canais de comunicação com os mercados externos, dando destaque especial para a evolução dos termos de troca entre este espaço regional e seus principais parceiros comerciais.

35. Adota-se a classificação por disponibilidade de tipos de fatores de competitividade (DTFC) – para mais detalhes, ver Pires (2022). Ressalta-se que os setores industriais que constituem a classificação baseada em recursos naturais (DTFC) são formados pelos seguintes setores industriais da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE): i) atividades de apoio à extração de minerais; ii) extração de carvão mineral; iii) extração de minerais metálicos; iv) extração de minerais não metálicos; v) extração de petróleo e gás natural; vi) fabricação de bebidas; vii) fabricação de celulose, papel e produtos de papel; viii) fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis; ix) fabricação de produtos alimentícios; x) fabricação de produtos de madeira; xi) fabricação de produtos de minerais não metálicos; e xii) fabricação de produtos do fumo.

4 ALCANCES DO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE: UMA ANÁLISE DOS TERMOS DE TROCA ENTRE A REGIÃO CENTRO-OESTE E SEUS PARCEIROS INTERNACIONAIS

O conjunto de fluxos de comércio entre a região Centro-Oeste brasileira e os blocos econômicos internacionais se intensificou depois dos anos 1990 com a liberalização econômica, a abertura comercial e a redução de barreiras tarifárias e não tarifárias do Brasil *vis-à-vis* aos demais países. Por exemplo, em 1998, o Centro-Oeste exportou US\$ 2.702,65 milhões³⁶ e importou US\$ 1.981,13 milhões.³⁷ Em 2021, observa-se que as exportações do Centro-Oeste foram de US\$ 37.943,86 milhões,³⁸ ao passo que suas importações ficaram em US\$ 14.936,25.³⁹

Entre os blocos de destino das exportações centro-oestinas em 1998,⁴⁰ a União Europeia (UE) concentrou quase 63% das mercadorias produzidas, seguida pelo Mercado Comum do Sul (Mercosul) com pouco mais de 7,5%, o Acordo de Livre-Comércio da América do Norte (Nafta) com 6,4% e, por fim, China, Hong Kong e Macau com 4,6%. Estes blocos juntos centralizaram pouco mais de 81,5% do total de mercadorias exportadas pela região Centro-Oeste.

No caso das importações para o Centro-Oeste, os blocos econômicos que mais se destacaram, em 1998, foram a UE com 31,5%, o Nafta com pouco mais de 30%, Mercosul com quase 15% e, por fim, o Japão com pouco mais de 10,5%. Estes blocos econômicos juntos ofertaram 87,1% das mercadorias na forma de importações para a região Centro-Oeste.

Em 2021, China, Hong Kong e Macau responderam por pouco mais de 38% da participação no total exportado do Centro-Oeste, ao passo que a UE aglutinou quase 16%, a Associação de Nações do Sudeste Asiático (Asean) concentrou pouco mais de 11%, e o Oriente Médio, 9,3%. Estes blocos econômicos em conjunto responderam, no ano de 2021, por quase 75% das exportações do Centro-Oeste.

Por sua vez, em 2021, os principais parceiros que direcionaram produtos para a região Centro-Oeste foram o bloco do Nafta, que respondeu por pouco mais de 25% das importações do Centro-Oeste, seguido por UE com 15,6%, o bloco de China, Hong-Kong

36. Em valores constantes de 2021.

37. Em valores constantes de 2021.

38. Em valores constantes de 2021.

39. Em valores constantes de 2021.

40. Por questões de mudanças na metodologia da construção da base de dados sobre exportações e importações nacionais, optou-se por adotar o ano de 1998 como ponto inicial da série histórica.

e Macau com 13,5%, América do Sul, excluídos os países do Mercosul, com 10,6% e, por fim, o Mercosul com 10,2%. Esses países juntos responderam por quase 75% das importações da região Centro-Oeste.

No comparativo entre 1998 e 2021, a taxa média de crescimento das exportações centro-oesteiras foi de 12,2% ao ano (a.a.), enquanto as importações cresceram à taxa média de 9,2% a.a., quer dizer, o ritmo de crescimento das exportações e das importações foram diferentes no interregno de pouco mais de duas décadas. Por sua vez, as exportações para os blocos econômicos aconteceram em intensidades distintas, dado que, para China, Hong Kong e Macau, expandiram-se em 23% a.a., enquanto para a UE ficaram em 5,6% a.a., para a Asean, em pouco mais de 24% e, por fim, para o caso do Oriente Médio, o crescimento foi de pouco mais de 16% a.a.

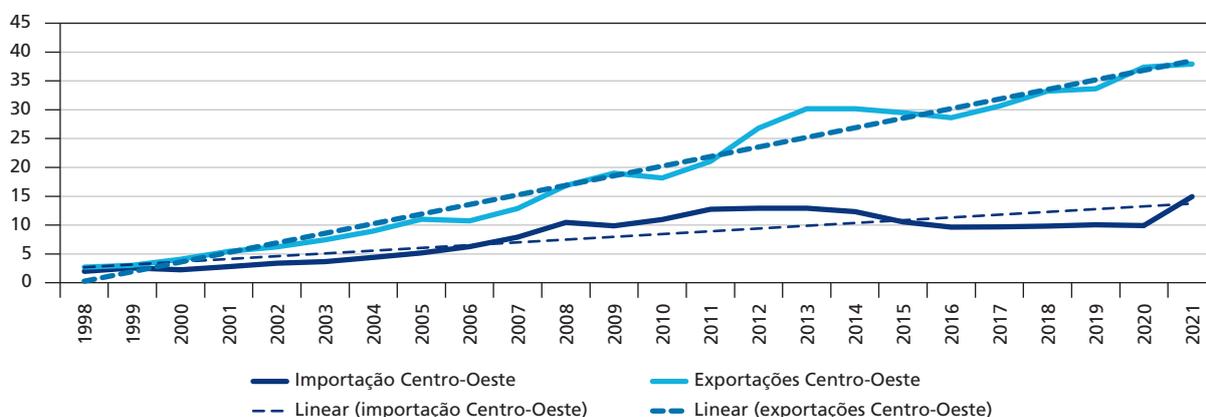
É importante destacar que, no período de 1998 a 2021, o IHH para as exportações da região Centro-Oeste para os seus parceiros comerciais apresentou desconcentração. Em 1998, ele era de 0,4127, fato este, segundo Macedo (2010), que o caracterizou como de alta concentração. Por sua vez, em 2021, o IHH foi de 0,2046, ou seja, mesmo indicando alta concentração, foi quase a metade daquele encontrado em 1998.

Naquilo que se refere ao IHH para os produtos importados dos parceiros comerciais da região Centro-Oeste, constata-se que também houve um processo de desconcentração entre 1998 e 2021. O IHH foi de 0,2261, em 1998, apontando, assim, alta concentração em termos de blocos econômicos parceiros do Centro-Oeste. Em 2021, o valor do IHH foi de 0,1395 indicando, por conseguinte, concentração moderada.

GRÁFICO 1

Exportações e importações – Centro-Oeste (1998-2021)

(Em US\$ 1 bilhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

Entre 1998 e 2021, observa-se no gráfico 1 que o hiato entre os valores exportados e os valores importados pela região Centro-Oeste apresentou uma tendência de abertura, particularmente induzida pelo ritmo mais acentuado de crescimento das exportações *vis-à-vis* às importações. No entanto, ressalta-se que, depois da crise financeira e monetária de 2008 e 2009, a qual impactou de forma negativa na oferta de crédito para o sistema financeiro e produtivo, primeiramente nos Estados Unidos e depois nas demais economias mundiais, constata-se que o hiato entre as exportações e importações da região Centro-Oeste foi se tornando mais acentuado no contexto do interregno de 1998 a 2021.

Esse ponto da inserção das regiões nos mercados globalizados foi destacado por Pacheco (1998, p. 268), que apontou a questão a seguir.

No final dos anos de 1980 e no início da nova década, passa a emergir um conjunto novo de determinantes da problemática regional brasileira. Com a abertura comercial e a intensificação dos processos de ajustes das empresas, ganha expressão a dimensão da reestruturação produtiva e começam também evidenciar os dilemas da inserção do país em um mundo globalizado.

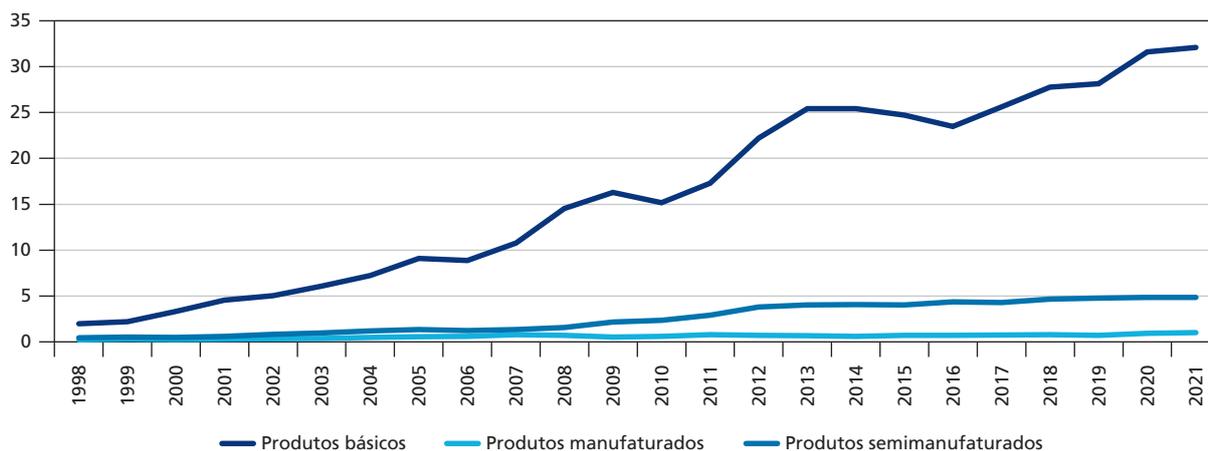
Esses fatos acabaram subsumindo e impulsionando uma fragmentação da nação, uma vez que a solidariedade entre as regiões foi quebrada e, em seu lugar, foi estimulada a competição, promovendo, em especial, as iniciativas e os incentivos locais, os quais ficaram descolados de um projeto nacional. Possivelmente o hiato existente entre as importações e exportações agregadas seja decorrente de um conjunto de fatores que estimularam a inserção do Centro-Oeste nos mercados globalizados, com o objetivo de carrear moedas fortes para equilibrar o balanço de pagamentos da economia brasileira.

O primeiro deles refere-se à contração da dinâmica econômica nacional, que impactou negativamente a atividade econômica da região Centro-Oeste, reduzindo, assim, o ritmo da demanda por produtos internacionais no mercado interno. Por sua vez, com a expansão da economia chinesa, observa-se um incremento da demanda por produtos brasileiros que, adicionado ao ciclo favorável de *commodities* agrícolas e minerais, influenciaram o crescimento acentuado das exportações da região Centro-Oeste.⁴¹

41. Como destacaram Bredow, Lélis e Cunha (2016, p. 717), “um primeiro conjunto de informações que autorizam relacionar a expressiva entrada de divisas no Brasil durante os anos 2000, e que possivelmente contribuiu para a acumulação de reservas internacionais pelo país, com o ciclo de alta dos preços das *commodities*”.

GRÁFICO 2**Desagregados das exportações por produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados – Centro-Oeste (1998-2021)**

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

Desse modo, os produtos básicos, que estão relacionados diretamente com a produção agrícola e pecuária, apresentaram uma expansão substancial na pauta exportadora da região Centro-Oeste. Como é destacado no gráfico 2, o diferencial entre as exportações de produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados foi expressivo entre 1998 e 2021.

Nesse sentido, a expansão das exportações entre 1998 e 2021 apresentou uma taxa média de crescimento real de pouco mais de 12% a.a., sendo que as exportações de produtos básicos exibiram um incremento de quase 13% a.a., ao passo que as exportações de produtos manufaturados apresentaram uma taxa de crescimento real de pouco mais de 6% a.a., enquanto a taxa de crescimento das exportações de produtos semimanufaturados foi de quase 11% a.a. Ou seja, a taxa de crescimento das exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste foi mais que o dobro daquela verificada para os produtos manufaturados.

Sendo assim, as exportações centro-oestinas que conquistaram os mercados internacionais de forma mais acentuada foram aquelas relacionadas com produtos básicos, ou seja, que apresentaram baixo valor agregado. Isto significa que são mercadorias que ainda se encontram nos elos iniciais das cadeias produtivas regionais e internacionais, ou melhor, são frutos de estratégias e ações dos agentes públicos e privados que reforçam suas decisões de investimentos em setores econômicos que apresentam uma dinâmica produtiva enraizada em produtos que expressam as vantagens comparativas ricardianas, uma vez que estão baseados em recursos naturais.

TEXTO para DISCUSSÃO

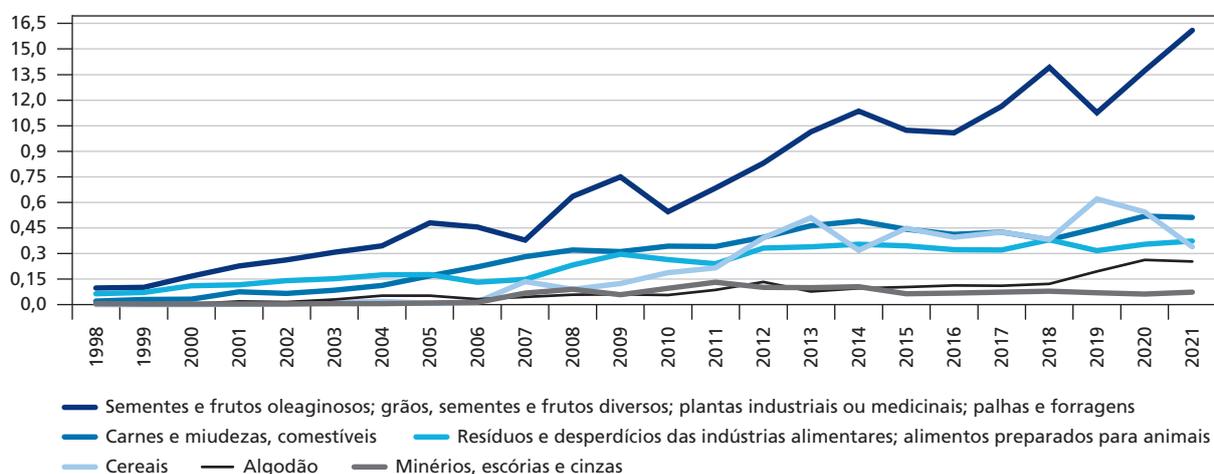
Apesar disso, é importante ressaltar que o cenário estabelecido para a reconstrução dessas estruturas produtivas é amalgamado por um estilo de desenvolvimento que priorizou, a partir dos anos 1990, a inserção da região Centro-Oeste nos mercados globalizados como estratégia de impulsionar as exportações de produtos básicos para as economias internacionais e, em especial, a chinesa, como meio de carrear para o país moedas conversíveis e reduzir as pressões existentes no balanço de pagamento.

Desse modo, entre 1998 e 2021, foi expressiva a participação das exportações de produtos básicos, visto que o agregado de mercadorias se movimentou no intervalo cuja oscilação se cristalizou entre quase 72% (1999) e pouco mais de 86% (2008) das exportações agregadas da região Centro-Oeste. Quer dizer, parte significativa das exportações centro-oestinas para os mercados internacionais apresentou baixa capacidade de processamento industrial.

GRÁFICO 3

Principais produtos exportados pelos setores de produtos básicos – Centro-Oeste (1998-2021)

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

É importante ressaltar no gráfico 3 que, dos 31 produtos exportados pela região Centro-Oeste, uma parcela expressiva das exportações de produtos básicos concentrou-se em seis produtos, dos quais destacam-se os que se seguem.

- 1) Sementes e frutos oleaginosos; grãos, sementes e frutos diversos; plantas industriais ou medicinais; palhas e forragens.
- 2) Carnes e miudezas, comestíveis.
- 3) Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares; alimentos preparados para animais.
- 4) Cereais.
- 5) Algodão.
- 6) Minérios, escórias e cinzas.

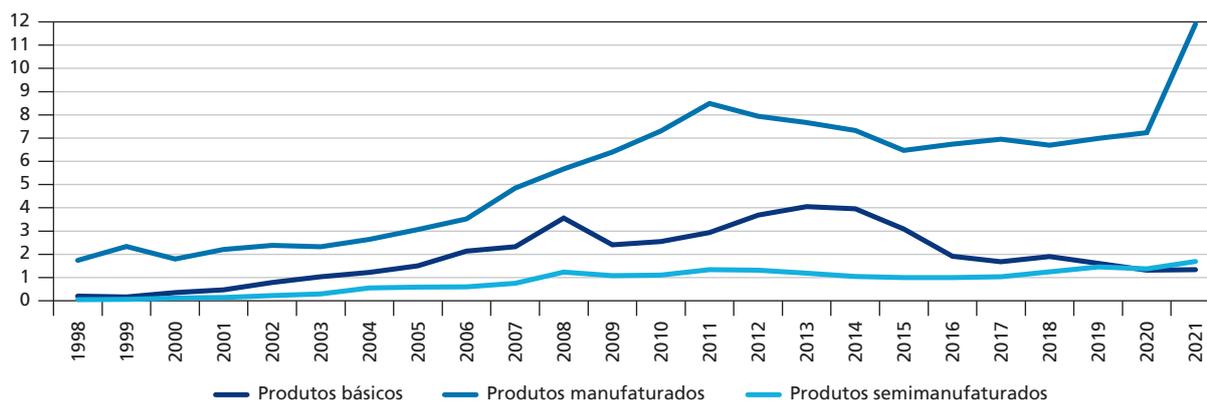
Em 1998, esses seis produtos responderam por pouco mais que 95,0% da pauta exportadora de produtos básicos da região Centro-Oeste, ao passo que, em 2021, sua participação era de 98,4% desta mesma pauta exportadora. No caso do IHH, observa-se que, em 1998, o valor era de 0,3560, ao passo que, em 2021, era de 0,3081. Mesmo apresentando uma ligeira redução em relação ao ano de 1998, o IHH de 2021 se manteve nos parâmetros estabelecidos pela alta concentração.

No caso das exportações de produtos manufaturados, que oscilaram no intervalo de 2,0% (2014) e 10,6% (1999) do total exportado da região Centro-Oeste, constata-se que os produtos que ganharam maiores expressões no mercado internacional foram aqueles relacionados, outra vez, com as vantagens comparativas ricardianas, quer dizer, aqueles produtos derivados da agropecuária e minerais e, em menor expressividade, os produtos farmacêuticos e químicos.

Ainda assim, é importante destacar que, em 1998, o IHH era de 0,5810, indicando que as exportações eram altamente concentradas, ao passo que, em 2021, o IHH era de 0,7326. Dessa forma, constata-se que os produtos exportados pela região Centro-Oeste se aglutinaram na faixa que apresenta pouca agregação de valor nas cadeias produtivas que estão inseridos, ou seja, são predominantemente produtos básicos.

GRÁFICO 4**Desagregados das importações por produtos básicos, semimanufaturados e manufaturados – Centro-Oeste (1998-2021)**

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

No caso das importações, o gráfico 4 destaca que há uma predominância das importações de produtos manufaturados no total importado da região Centro-Oeste. Em seguida vieram as importações de produtos básicos e semimanufaturados. Em termos de participações no total importado da região Centro-Oeste, observa-se que os produtos manufaturados concentraram, entre 1998 e 2021, parte significativa das importações desse espaço regional.

Em 1999, no ano da crise cambial do real, as importações de produtos industrializados concentraram-se em seu valor máximo, de quase 91% do total importado pela região Centro-Oeste. Em 2009, em pleno rescaldo da crise do *subprime* que aconteceu nos Estados Unidos, as importações de produtos manufaturados atingiram o seu menor valor em pouco mais de duas décadas, ou seja, aglutinaram pouco mais de 54% do total importado pela região.

Nesse sentido, a participação das importações de produtos manufaturados para abastecer os mercados locais, como também os elos das cadeias produtivas da região Centro-Oeste, foram significativos, destacando, por conseguinte sua dependência em relação ao suprimento de mercadorias, em especial máquinas, equipamentos e insumos para atenderem os elos das suas cadeias produtivas e para o abastecimento do seu mercado de consumo.

Possivelmente, os impactos dessa estratégia de estímulo às importações de produtos manufaturados da economia chinesa tenham provocado quebras estruturais nas cadeias produtivas regionais e nacionais, as quais contribuíram para o processo

de desindustrialização nacional e regional, como salientado por Sampaio (2017). Por sua vez, os efeitos foram sentidos, em maior intensidade e magnitude, na economia paulista, visto que é o principal centro industrial nacional.

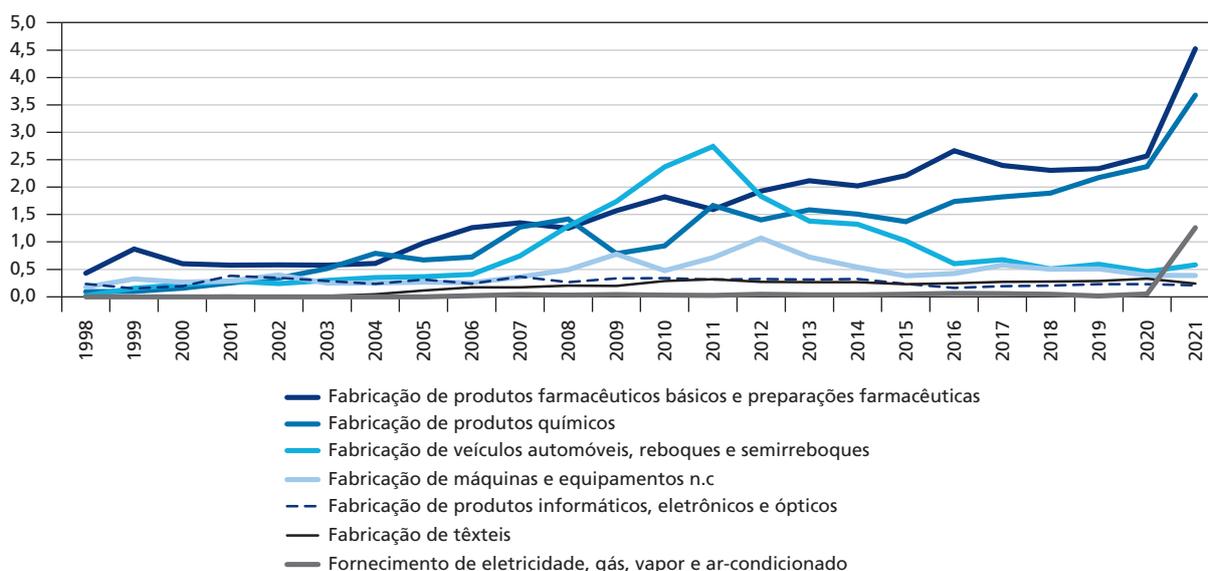
Entre os estratos que constituem as importações agregadas da região Centro-Oeste, de 1998 a 2021 há um movimento claro de redução no grau de concentração entre os estratos dos produtos importados. Sendo assim, é importante destacar que o IHH para o ano de 1998 foi de 0,7780, ao passo que, para o ano de 2021, foi de 0,6560 – quer dizer, mesmo com uma ligeira redução no alto grau de concentração entre os estratos por produtos importados, ainda assim os produtos manufaturados responderam por parte expressiva das importações da região.

Por sua vez, as importações de produtos básicos oscilaram, entre 1998 e 2021, no intervalo de 6,6% (1999) a pouco mais de 34% (2006). Em contrapartida, as importações de produtos básicos descenderam, em especial depois de 2014, abrindo, por conseguinte, o hiato entre os produtos importados manufaturados *vis-à-vis* aos produtos importados básicos, quer dizer, houve uma predominância pela importação de produtos manufaturados por parte dos agentes econômicos centro-oestinos.

GRÁFICO 5

Principais produtos importados pelos setores de produtos manufaturados – Centro-Oeste (1998-2021)

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

Como é destacado no gráfico 5, os sete principais produtos da pauta importadora de produtos manufaturados do Centro-Oeste concentram-se nos seguintes itens:

- fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas;
- fabricação de produtos químicos;
- fabricação de veículos automotores, reboques e semirreboques;⁴²
- fabricação de máquinas e equipamentos n.c.;
- fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos;
- fabricação de têxteis e, recentemente;
- fornecimento de eletricidade, gás, vapor e ar-condicionado.

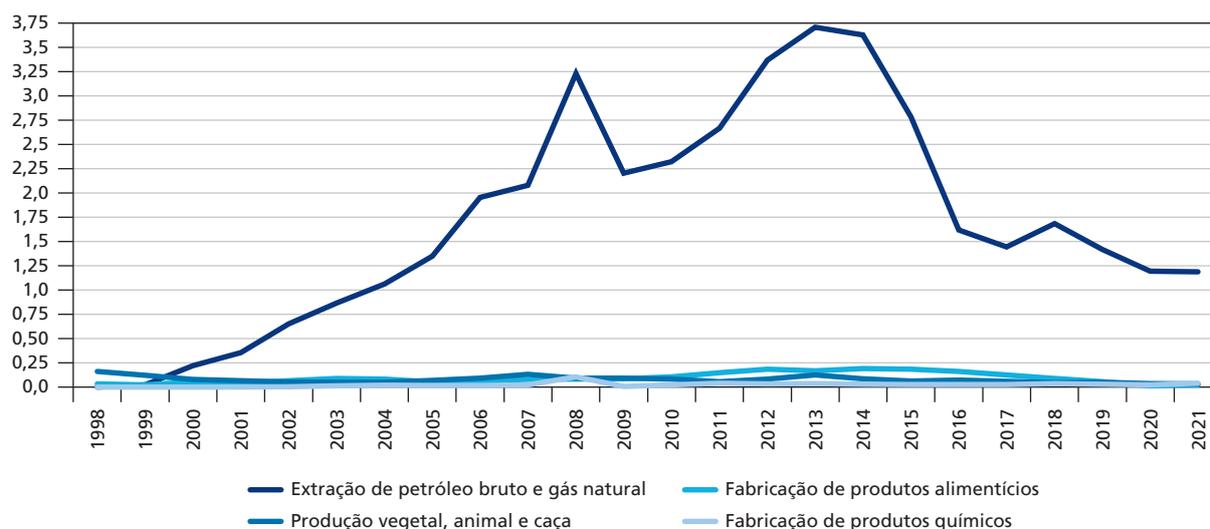
Em 1998, esses sete produtos respondiam por pouco mais de 55% do total das importações de produtos manufaturados demandados pelos agentes econômicos da região Centro-Oeste. Em 2021, observa-se que houve maior concentração destes produtos, uma vez que centralizavam 91,5% dos produtos manufaturados importados por esse espaço regional. Por sua vez, ressalta-se que o IHH para os produtos importados dos setores manufaturados apresentou concentração entre 1996 e 2021.

Em 1998, o IHH foi de 0,1397, ao passo que, em 2021, foi de 0,2562, ou seja, quase o dobro do valor encontrado para 1998. Isto significa que houve alta concentração de produtos manufaturados na pauta de importações da região Centro-Oeste.

42. Os produtos relacionados com a fabricação de veículos automotores, reboques e semirreboques apresentaram uma trajetória ascendente até 2011, para em seguida decrescer. Possivelmente isso é fruto do processo de reestruturação das empresas automobilísticas que, dadas as restrições conjunturais, estão revendo suas estratégias de localização, inovações de produtos e processos, como também de expansão de sua capacidade produtiva. Em território goiano, encontram-se as seguintes empresas: Chery e Hyundai em Anápolis-GO; e Mitsubishi e Suzuki em Catalão-GO.

GRÁFICO 6**Principais produtos importados pelos setores de produtos básicos – Centro-Oeste (1998-2021)**

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

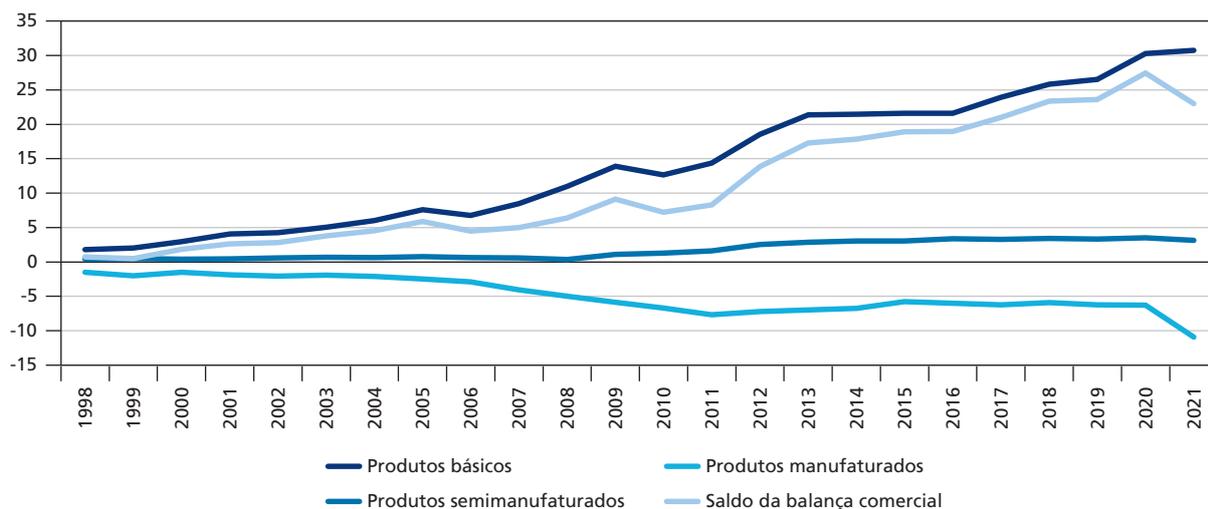
No caso dos produtos importados básicos, verifica-se que entre 1998 e 2021 há uma forte dependência dos estados que constituem a região Centro-Oeste por produtos relacionados com petróleo bruto e gás natural. Em escala menor, observa-se também a importação de produtos alimentícios, produção vegetal, animal e caça, e fabricação de produtos químicos.

Em 1998, a participação das mercadorias referentes à produção vegetal, animal e caça no total das importações de produtos básicos era de pouco mais de 81%, ao passo que os produtos relacionados com fabricação de produtos alimentícios respondiam por pouco mais de 17%. Estas categorias juntas aglutinaram 98,3% da pauta importadora de produtos básicos.

Em 2021, constata-se que os produtos referentes à extração de petróleo bruto e gás natural responderam por 88,4% do total importado de produtos básicos pela região Centro-Oeste. Em seguida vieram fabricação de produtos químicos com 3,0%, produção vegetal, animal e caça com 2,5% e, por fim, fabricação de produtos alimentícios com 1,6%. Esses produtos juntos responderam por 95,5% do total importado de produtos básicos pela região Centro-Oeste.

GRÁFICO 7**Componentes do saldo da balança comercial da região Centro-Oeste com o resto do mundo (1998-2021)**

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

No que se refere ao saldo da balança comercial do Centro-Oeste *vis-à-vis* ao resto do mundo, observa-se, entre 1998 e 2021, que há uma trajetória ascendente, impulsionada em especial pelo diferencial positivo existente no saldo das exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste *vis-à-vis* aos seus parceiros comerciais.

Por sua vez, as importações de produtos manufaturados foram superiores às exportações desses mesmos produtos, causando, por conseguinte, um saldo negativo na conta de produtos manufaturados. Em relação aos produtos semimanufaturados, observa-se que as exportações foram superiores às importações, contribuindo, assim, para a geração dos superávits da balança comercial do Centro-Oeste.

Em geral, entre 1998 e 2021, a taxa média de crescimento do saldo da balança comercial foi 16,2% a.a., influenciando, por conseguinte, o desempenho positivo das exportações de produtos básicos. Por sua vez, a taxa média de crescimento do saldo das exportações de produtos básicos cresceu pouco mais de 13% a.a., enquanto o saldo dos produtos manufaturados apresentou uma taxa média de crescimento de 9,0% a.a.

Por essa razão, os saldos positivos dos produtos básicos estão mantendo os superávits estruturais da balança comercial da região Centro-Oeste com o resto do mundo. No entanto, é importante ressaltar que os produtos básicos são, predominantemente, constituídos por mercadorias que são, em sua grande maioria, *commodities* agrícolas e minerais.

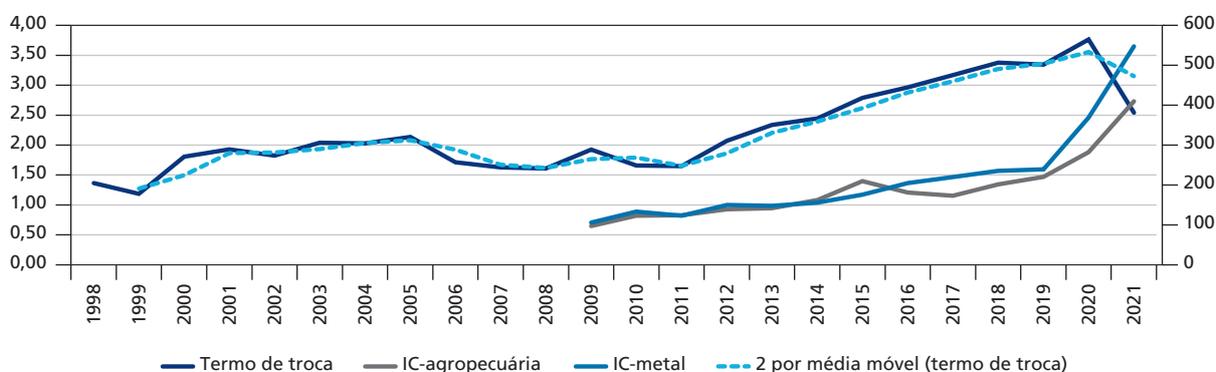
Quer dizer, trata-se de mercadorias que se lançam nos mercados internacionais, mas que têm suas raízes estabelecidas em recursos naturais, consolidando, por conseguinte, um estilo de desenvolvimento econômico que reforça vantagens comparativas ricardianas, em detrimento de um projeto de industrialização mais consistente desse espaço regional.

Em contraposição, as importações de produtos manufaturados estão enraizadas, *nos países centrais*, por estratégias industriais mais sólidas, as quais têm na política industrial um instrumento forte para o desenvolvimento e a promoção de inovações tecnológicas, que causam uma *destruição criadora*, cujo propósito é conceber novos produtos, novas fontes de matérias-primas, novas combinações de fatores de produção e novos processos industriais, que impulsionam o progresso técnico e incrementam o produto *per capita* de uma nação.

Nesse sentido, faz-se necessário investigar com maior acuidade a evolução dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e os seus parceiros comerciais, uma vez que as estratégias de estilo de desenvolvimento entre os países centrais e periféricos podem condicionar suas trajetórias de crescimento econômico ou, então, suas transformações estruturais e produtivas. Se os impulsos do processo de modernização econômica são dependentes da incorporação de produtos importados em suas funções de produção, então, dependendo do ritmo e da forma de sua internalização, podem estabelecer restrições externas para o crescimento da economia periférica e, com isso, aprofundar sua vulnerabilidade externa.

GRÁFICO 8

Termos de troca gerais da região Centro-Oeste com o resto do mundo e do IC¹ agropecuária e metal (1998-2021)



Fontes: Secex, Banco Central do Brasil (BCB) e Commodity Research Bureau.

Nota: ¹Índice de *commodities*.

Obs.: 1. O IC-agropecuária é composto pelos preços das seguintes *commodities*: carne de boi, algodão, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz, carne de porco, suco de laranja e cacau.

2. O IC-metal é composto pelos preços das seguintes *commodities*: alumínio, minério de ferro, cobre, estanho, zinco, chumbo, níquel, ouro e prata.

Dessa feita, os termos de troca gerais,⁴³ destacados no gráfico 8, apontam que o seu comportamento, no interstício de 1998 a 2021, apresentou um movimento cíclico, uma vez que existiram momentos em que o ritmo do incremento das exportações agregadas da região foi superior àquela verificada para as importações agregadas, ao passo que em outros instantes a cadência foi bem inferior. Isto pode ser destacado nos pontos a seguir. Em 1998, a razão entre o acréscimo das exportações agregadas da região Centro-Oeste *vis-à-vis* às importações agregadas foi de 1,15, ou seja, as exportações agregadas do Centro-Oeste compraram 15% a mais das importações agregadas que a região demandava dos seus parceiros comerciais.

Em 2005, o incremento das exportações agregadas da região Centro-Oeste foi de 197% a mais quando comparado com o mesmo atributo das importações agregadas. No entanto, em 2011, este valor foi de 104%, quer dizer, para cada dólar recebido pelas exportações agregadas, a região tinha capacidade de comprar 2,04 produtos importados dos seus parceiros comerciais. Por fim, em 2020, no pico da série temporal, observa-se que as exportações agregadas da região Centro-Oeste conseguiam adquirir 337% das suas importações agregadas.

Aparentemente, a estratégia adotada pela região Centro-Oeste de se especializar em produtos que reforçam suas vantagens comparativas ricardianas tem colhido bons frutos em termos de troca da região com os seus parceiros comerciais. No entanto, é importante destacar que a partir de 2009 há um crescimento significativo dos preços internacionais da agropecuária e dos metais que possivelmente está afetando a capacidade de compra das exportações agregadas.

Silva, Prado e Torracca (2016, p. 223), porém, destacam o ponto a seguir.

Portanto, mesmo considerando-se os aumentos de preço das *commodities* que ocorreram no início deste século, em função do crescimento acelerado da China e, em menor grau, da Índia, não é possível refutar os argumentos apresentados pela tese de Prebisch-Singer no imediato pós-guerra. Além disso, se usarmos a extensão dessa tese proposta por Singer (1999), na qual considera-se os termos de troca entre produtos manufaturados de alta e baixa tecnologia, os dados corroboram a hipótese de que a deterioração dos termos de troca é válida, também, para o comércio com diversos conteúdos tecnológicos.

No caso do aumento dos preços das *commodities*, o índice dos preços das *comodities* agropecuárias e metais apontou para um crescimento expressivo no

43. Termos de troca geral são a razão entre o somatório total das exportações da região Centro-Oeste para o resto do mundo pelo somatório do total das importações do resto do mundo para a região Centro-Oeste.

interstício de 2009 a 2021. Esse fato quiçá afetou a capacidade de compra das exportações agregadas da região Centro-Oeste, uma vez que, antes da crise cambial de 1999, a razão entre as exportações agregadas e importações agregadas era 1,15. Com a desvalorização cambial de 1999 e o crescimento dos preços das *commodities* agropecuárias e metais, a capacidade de compra das exportações agregadas acelerou o seu ritmo de crescimento, tornando-se superior às importações agregadas e favorecendo, por conseguinte os termos de troca da região Centro-Oeste com o resto do mundo.

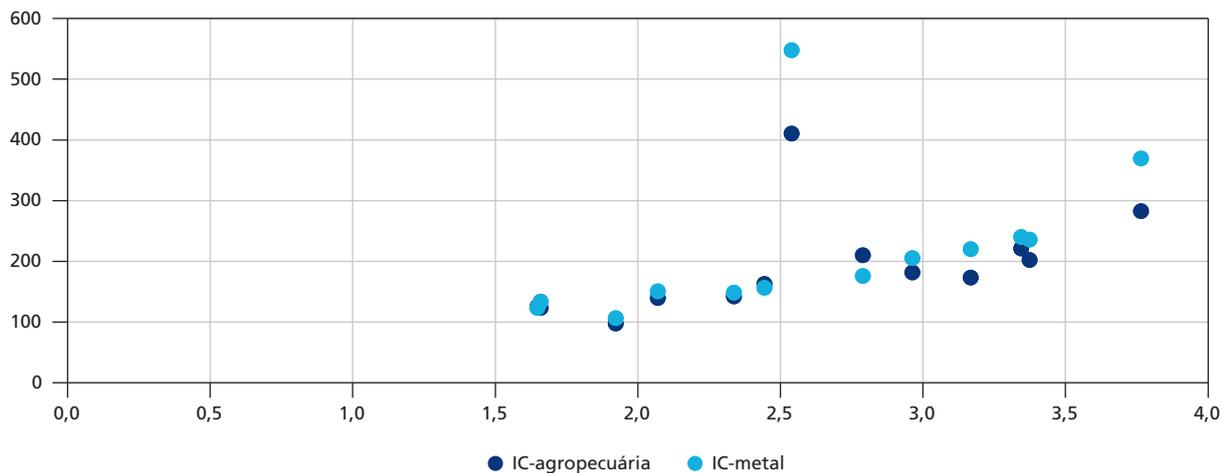
Isso possivelmente aconteceu porque o peso das exportações de produtos básicos na composição da pauta exportadora da região Centro-Oeste, entre 1998 e 2021, foi, em média, superior a 80%, concentrada especialmente em culturas como soja e derivados, milho, carnes, algodão e minérios, as quais são os principais vetores que edificam as estruturas produtivas da região Centro-Oeste e reforçam, conseqüentemente, seu estilo de desenvolvimento, que é enraizado nas vantagens comparativas ricardianas.

Por outro prisma, a taxa média de crescimento dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais, no intervalo de 1998 a 2021, foi de 2,7% a.a. No entanto, isso não aconteceu de forma linear, uma vez que, entre 1999 e 2005, houve um crescimento de pouco mais de 10% a.a., ao passo que, entre 2005 e 2011, existiu um decréscimo de pouco mais de - 4% a.a.

Possivelmente essa reversão cíclica foi influenciada pela crise monetária e financeira que aconteceu na economia norte-americana entre 2007 e 2008, que contaminou a economia mundial, desacelerando, por conseguinte, o crescimento do produto *per capita* das economias que apresentavam parcerias comerciais com a região Centro-Oeste. Além disso, a contração do mercado interno, em decorrência da crise financeira e monetária internacional, pode ter refletido também na redução das importações da região Centro-Oeste.

Com o reaquecimento da economia internacional, impulsionado em especial pela economia chinesa, há um incremento nos termos de troca da região Centro-Oeste com o resto do mundo, o qual apresentou uma taxa média de crescimento próxima a 10% a.a. no intervalo de 2011 a 2020. No entanto, com o aprofundamento dos desajustes macroeconômicos vivenciados pela economia brasileira e a crise sanitária da covid-19, a taxa média de crescimento dos termos de troca da região Centro-Oeste apresentou um decréscimo de mais de 32% a.a. entre 2020 e 2021.

À vista disso, observa-se que há, por acaso, uma provável correlação entre os termos de troca da região Centro-Oeste e o ciclo de *commodities* dos produtos agropecuários e metais. Este fato pode ser verificado no gráfico 9, o qual desvela a forma da dispersão entre os valores dos atributos, quer dizer, o sentido da força existente entre o valor dos termos de troca da região Centro-Oeste com o resto do mundo e os índices de preços de *commodities* agropecuárias e metais.

GRÁFICO 9**Dispersão dos termos de troca gerais da região Centro-Oeste com o resto do mundo e do IC agropecuária e metal**

Fontes: Secex, BCB e Commodity Research Bureau.

- Obs.: 1. A abscissa refere-se aos valores dos termos de troca entre as exportações agregadas e importações agregadas da região Centro-Oeste e o resto do mundo.
2. A ordenada refere-se aos valores referentes a IC-agropecuária e IC-metal.

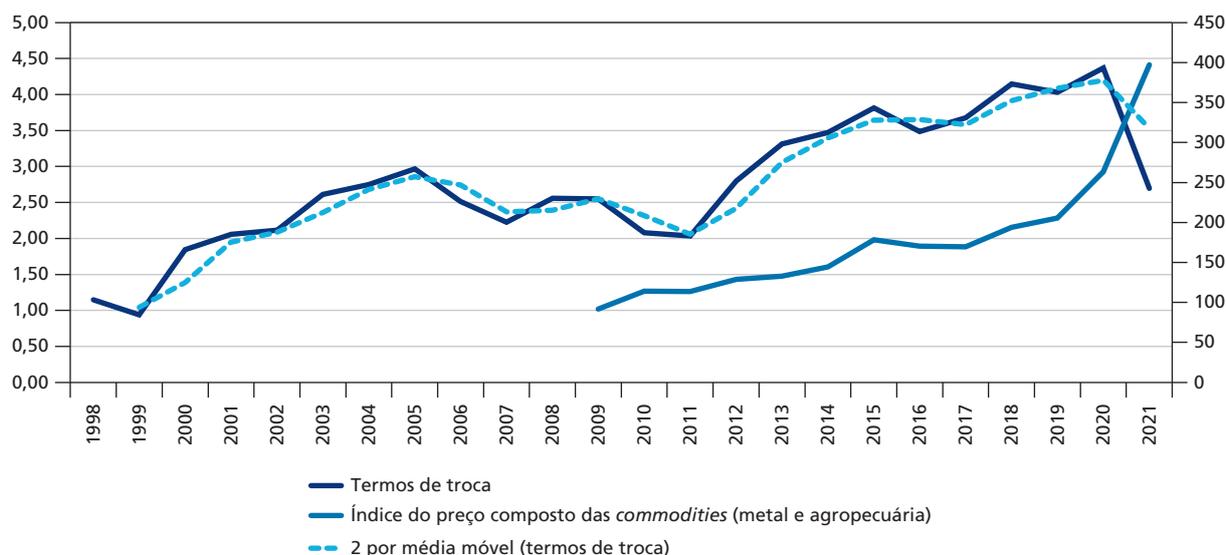
Apesar disso, os *termos de troca gerais* desnudam a razão entre o valor das exportações agregadas da região Centro-Oeste *vis-à-vis* ao valor das importações agregadas do resto do mundo para o espaço centro-oestino. Há que se verificar, segundo a hermenêutica de Prebisch (2000) e Singer (1950; 1999), qual o comportamento, no tempo, da razão dos valores das exportações centro-oestinas de produtos básicos ante os valores das importações de produtos manufaturados dos seus parceiros comerciais.

Esse indicador será denominado *termos de troca específicos*, o qual é compreendido como a razão entre o somatório de todas as exportações de bens básicos da região Centro-Oeste pelo somatório de todas as importações de bens manufaturados dos países que são parceiros comerciais da região Centro-Oeste.

Ele se justifica porque destaca se há fragilidades estruturais derivadas das contradições existentes nos termos de troca entre as regiões em destaque. Possivelmente os diferenciais de produtividade do trabalho entre os produtos básicos exportados e os produtos manufaturados importados, condicionados pelos estilos de desenvolvimento da região Centro-Oeste *vis-à-vis* seus parceiros comerciais, estão deteriorando os termos de troca no longo prazo entre os países envolvidos comercialmente. Isso pode acarretar restrições externas, as quais podem criar obstáculos para o avanço do processo de modernização das estruturas produtivas da região Centro-Oeste.

GRÁFICO 10

Termos de troca específicos da região Centro-Oeste com o resto do mundo e do IC agropecuária e metal (1998-2021)



Fontes: Secex, BCB e Commodity Research Bureau.

Obs.: IC composto é o somatório do IC agropecuária e metal.

No caso dos *termos de troca específicos*, observa-se que o seu desempenho, entre 1998 e 2021, foi cíclico, visto que existiram momentos em que a razão entre o acréscimo das exportações de produtos básicos *vis-à-vis* aos produtos importados manufaturados foi ascendente, por exemplo entre os períodos de 1999 a 2005 e 2011 a 2020, porém seguidos de outros momentos que apresentaram um movimento descendente, a saber, entre 2005 e 2011 e depois de 2020.

Em geral, a taxa média de crescimento real dos *termos de troca específicos* entre 1999 e 2021 foi de 3,8% a.a., ao passo que, nos subperíodos, foi em média de 14,5% a.a. entre 1999 e 2005; - 6,1% a.a. entre 2005 e 2011; 8,9% a.a. entre 2011 e 2020; e, por fim, - 38,2% a.a. entre 2020 e 2021.

Não obstante, é importante destacar que, desde 2011, a trajetória ascendente dos *termos de troca específicos* foi afetada pelos preços favoráveis das *commodities* agropecuárias e minerais, uma vez que a dinâmica econômica dos seus parceiros comerciais demandou incrementos crescentes de mercadorias centro-oestinas. Por outro ângulo, o período anterior a 2011 foi marcado pela crise financeira e monetária impulsionada pela falência do Lehman Brothers Holdings Inc. (2007 e 2008), a qual prejudicou as transações mercantis mundiais em decorrência dos seus efeitos recessivos, os quais afetaram as economias parceiras da região Centro-Oeste.

Desse modo, esses países reduziram suas atividades econômicas e, por isso, limitaram a demanda de produtos centro-oesteiros. Tendo como exemplo a dinâmica econômica dos 27 países que constituem a UE (European Union – EU),⁴⁴ principal parceiro comercial da região Centro-Oeste até 2010, a variação do produto interno bruto (PIB) real entre 2010 e 2013 foi decrescente, pois oscilou de 2,2% (2010) para -0,1% (2013).

Por outro ângulo, desde a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, sua demanda por produtos básicos, em especial proteína animal, vegetal e minerais, foi crescente, seja para atender o seu projeto de segurança alimentar, seja para fornecer matérias-primas para o seu setor industrial, ou melhor, para os elos das cadeias produtivas alimentares chinesas.

Dessa maneira, os incrementos por produtos da região Centro-Oeste, por parte do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, se intensificaram depois de 2011, quando se tornou o principal parceiro comercial da região Centro-Oeste, fato este que influenciou na valorização dos preços internacionais das *commodities* agropecuárias e minerais, favorecendo, por conseguinte, o processo de formação da renda e do produto entre os produtores agropecuários e minerais da região Centro-Oeste brasileira.

Em 2008, o PIB *per capita* da China foi de US\$ 4.711,6, ao passo que, em 2012, chegou a US\$ 6.591,7 e, em 2021, a US\$ 11.188,3.⁴⁵ Isso significou que, entre 2008 e 2021, a taxa de crescimento média real do PIB *per capita* chinês foi de 6,9% a.a., ao passo que, entre 2008 e 2012, foi de 8,8% a.a. e, entre 2012 e 2021, foi de 6,1% a.a.

Apesar disso, é importante destacar que entre 2020 e 2021, quando se iniciou a pandemia da covid-19, os termos de troca específicos apresentaram uma desaceleração mesmo em um contexto em que o PIB *per capita* chinês exibiu uma taxa de crescimento real média de 8,0% a.a. Esse fato influenciou positivamente a curva ascendente do índice do preço composto das *commodities* (metais e agropecuária), uma vez que a China tem que alimentar uma população de 1.410.539.758 habitantes (2022).⁴⁶

Nesse sentido, é importante apontar que a região Centro-Oeste, desde a entrada da China na OMC em 2001, vem incrementando suas relações mercantis com o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Isso significou que a China se tornou, desde 2011, o principal parceiro da região Centro-Oeste, provavelmente em decorrência da demanda crescente chinesa por produtos que garantam sua segurança alimentar.

44. Disponível em: https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/view/TEC00115__custom_4112280/default/table?lang=en.

45. A fonte dos dados é World Bank national accounts data, and OECD National Accounts data files. Os dados estão em valores constantes de 2010 U.S. dólares.

46. Para mais detalhes, consulte: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/china/summaries>.

Na média do período de 2018 a 2021, o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau consumiu pouco mais de 38% dos produtos exportados pela região, e exportou pouco mais de 12% dos seus produtos para o Centro-Oeste brasileiro. Por esse motivo, a próxima seção faz uma análise mais minuciosa da estrutura e da dinâmica dos *termos de troca específicos* entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

5 LIMITES DO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE: UM EXAME DOS TERMOS DE TROCA ENTRE A REGIÃO CENTRO-OESTE E O BLOCO DAS ECONOMIAS CHINESA, DE HONG KONG E MACAU

Os laços mercantis entre a região Centro-Oeste brasileira e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau se estreitaram depois da entrada da China na OMC em 2001. Naquele ano, a participação do bloco de China, Hong Kong e Macau no total exportado da região Centro-Oeste foi pouco mais de 7,0%, ao passo que o principal parceiro centro-oestino era a UE, que respondia por 62,6% das exportações deste espaço regional.

Em 2011, verifica-se uma inflexão na posição dos principais blocos comerciais que mantiveram relações estreitas com a região Centro-Oeste. O bloco de China, Hong Kong e Macau tornou-se o principal parceiro deste espaço regional, visto que pouco mais de 28% das exportações da região Centro-Oeste foram direcionadas para esses países, ao passo que, para a UE, foram quase 22%. Em 2021, a participação das exportações do Centro-Oeste para o bloco de China, Hong Kong e Macau foi de pouco mais de 38%, enquanto para a UE foi quase 16%.

Apesar disso, é importante destacar que a expansão dos laços mercantis entre a região Centro-Oeste e a economia chinesa foi tecido em um contexto mais amplo, o qual se encontra dentro de uma estratégia chinesa de expansão de sua influência pelos países da América Latina. Para Hiratuka (2018, p. 1):

Desde o início do século XXI, as relações econômicas entre China e América Latina (AL) cresceram de maneira rápida, concentradas principalmente na dimensão comercial. Em uma década a China se tornou a principal parceira comercial para vários países da região. Em grande medida esse processo esteve associado ao padrão e à velocidade do desenvolvimento Chinês recente, que, devido ao fato de combinar os processos de urbanização e industrialização, foi extremamente intensivo na utilização de *commodities* minerais, metálicas e energéticas.

Borghi (2020, p. 33) destacou que entre 2000 e 2016 as exportações da China para economias subdesenvolvidas apresentaram a organização a seguir.

TEXTO para DISCUSSÃO

- 1) No caso da África, saltou de 4,9% (2000) do total exportado para África, América Latina, Ásia e Oceania para 8,4% (2016).
- 2) Em relação à América Latina, esta participação no total exportado para estes países elevou-se de 7,0% (2000) para 10,4% (2016).
- 3) Naquilo que se refere à Ásia, a participação deslocou-se de 88% (2000) para 80,7% (2016).
- 4) Por fim, as exportações chinesas para a Oceania que responderam por 0,1% (2000) saltaram para 0,5% (2016).
- 5) Em suma, as exportações chinesas, em termos de participação no total exportado, apresentaram um crescimento direcionado para os mercados da África e América Latina.

Esse cenário destacou a importância que o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau tem no contexto da América Latina e, em especial, para as regiões brasileiras. No caso da região Centro-Oeste, entre 1998 e 2021 as exportações centro-oestinas para este bloco econômico apresentaram uma taxa média de crescimento de 23% a.a., ao mesmo tempo que, para a UE, foi de 5,6% a.a.

Por sua vez, as importações entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau também apresentaram uma taxa média de crescimento 23,3% a.a. entre 1998 e 2021, enquanto para a UE, foi de quase 6,0% a.a. Por seu turno, as importações de China, Hong Kong e Macau saltaram de 0,8% do total importado da região Centro-Oeste em 1998 para 13,5% em 2021.

Desse modo, a investigação das relações comerciais entre Brasil e China se torna importante, pois a China encontra-se, na lógica da divisão internacional do trabalho, em uma posição industrial superior àquela verificada para o Brasil. Segundo Borghi (2020, p. 34, tradução nossa, grifo nosso),

nessa perspectiva e estritamente do ponto de vista da renda *per capita*, ainda não seria conveniente considerar a China no centro, ainda que suas características signifiquem bastante que ela também não faz parte da periferia nos velhos termos estruturalistas. Sua posição de país de renda média, mas de grande influência na

atual ordem econômica mundial, *coloca o país em uma posição transitória entre a periferia e o centro na perspectiva de um arcabouço estruturalista.*⁴⁷

Sendo assim, um fato que merece destaque refere-se à evolução dos termos de troca entre o bloco econômico comandado pela China e, por sua vez, a região Centro-Oeste brasileira. Este exercício analítico tem um papel importante para se compreender qual o alcance, os limites e as contradições que existem entre uma região que se especializou na produção de mercadorias, as quais reforçam suas vantagens comparativas ricardianas, e outra região que adotou uma política industrial ativa e incentivou os investimentos em setores industriais complexos, os quais se encontram no limiar da Quarta Revolução Industrial.

Como destacou Moreira (2022, p. 9),

para muitos autores, a China é o principal país na economia mundial que superou a condição da armadilha da renda média, e, em uma perspectiva neoschumpeteriana, um dos principais caminhos trilhados pela China para a superação e firmamento de país rico é o *catch-up* tecnológico.

Quer dizer, a China avançou em seus investimentos industriais de alta tecnologia, em especial, incentivando o crescimento das Zonas de Processamento de Exportações (ZPEs), as quais têm um papel importante no processo de modernização da economia chinesa.

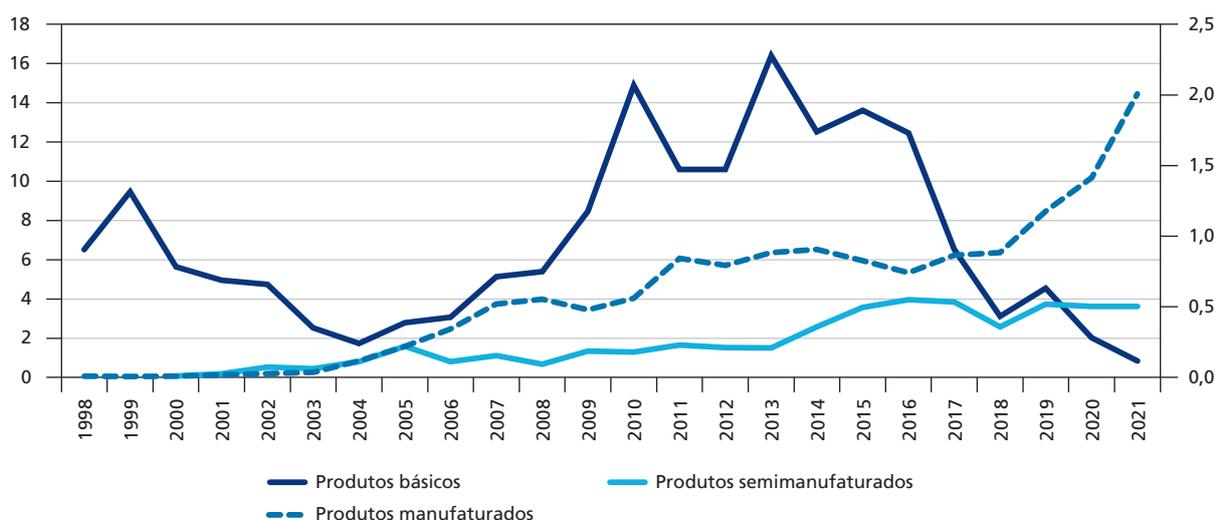
Desse modo, as ZPEs de Shenzhen, Zhuhai, Shantou, Xiamen e a Província de Hainan⁴⁸ são os eixos pilotos para o desenvolvimento de setores industriais, os quais têm na promoção do *catch-up* tecnológico o meio para deslocar a China da condição de país de renda média e conduzi-la ao restrito clube das principais economias centrais, como os Estados Unidos e alguns países da UE e asiáticos.

47. *"In such perspective and strictly from an income per capita point of view, it would not be convenient to consider China at the core yet, even though its characteristics fairly mean it is also not part of the periphery in the old structuralist terms. Its position as a middle-income country but highly influential in the world's current economic order sets the country in a transitory position between the periphery and the core from the perspective of a structuralist framework".*

48. É importante ressaltar que essas são as principais ZPEs chinesas, porém existem outras que estão espalhadas em várias cidades costeiras da China.

GRÁFICO 11

Componentes das importações agregadas da região Centro-Oeste provenientes do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau (1998-2021)
(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: 1. Em valores constantes de 2021.

2. Importações de produtos manufaturados em primeiro plano.

3. Importações de produtos básicos e semimanufaturados em segundo plano.

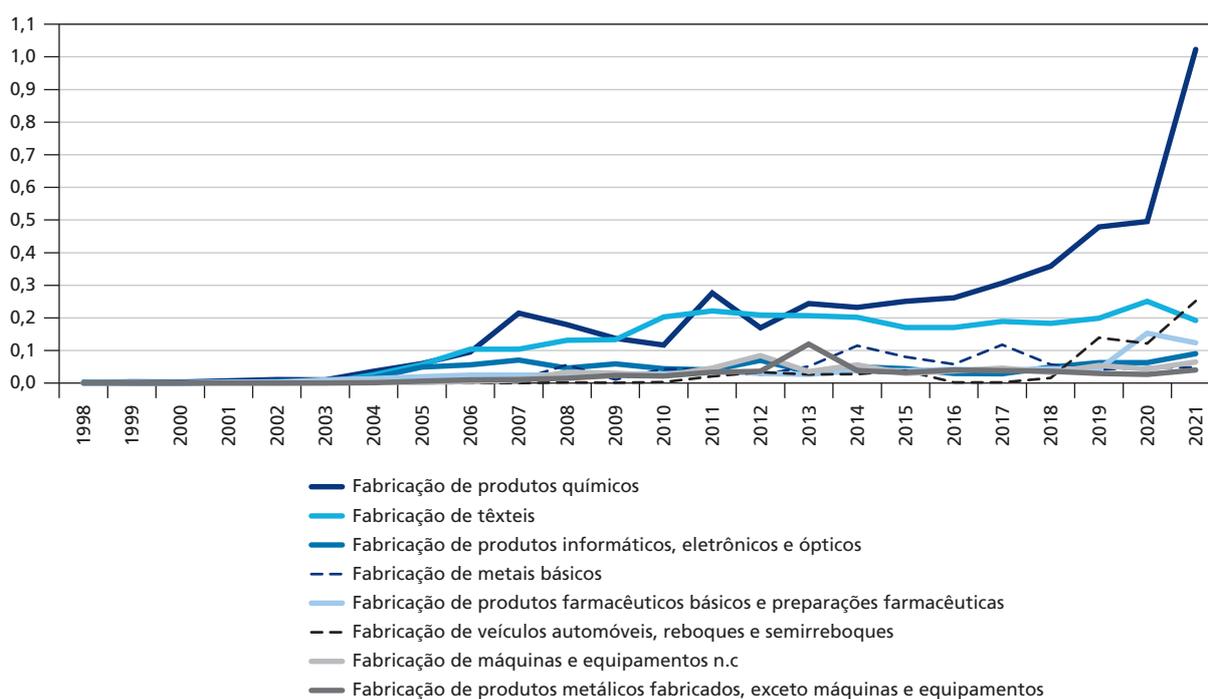
Em geral, as importações destinadas à região Centro-Oeste brasileira e provenientes de China, Hong Kong e Macau concentraram-se, predominantemente, em produtos manufaturados. Em 1998, a participação dos produtos manufaturados no total importado pelo Centro-Oeste das economias chinesa, de Hong Kong e Macau era de quase 60%, ao passo que, em 2021, esses valores aproximaram-se de 99,8%. Quer dizer, na média de 1998 a 2021, 91,5% das importações totais da região Centro-Oeste provenientes do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau eram produtos manufaturados.

Em 1998, o IHH⁴⁹ para as importações agregadas da região Centro-Oeste provenientes do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau foi de 0,5187, ao passo que, em 2021, foi de 0,9956 – quer dizer, entre 1998 e 2021 houve uma forte concentração nas importações agregadas, as quais se especializaram, sobremaneira, em produtos manufaturados.

49. Para mais detalhes, ver Macedo (2010).

GRÁFICO 12

Importações de produtos manufaturados das economias chinesa, de Hong Kong e Macau para a região Centro-Oeste (1998-2021)
(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

Como é destacado no gráfico 12, os principais produtos manufaturados importados pela região Centro-Oeste do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau em 1998 concentraram-se em seis setores específicos, a saber:

- fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos;
- fabricação de produtos químicos;
- fabricação de equipamentos elétricos;
- fabricação de máquinas e equipamentos n.c.;
- fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas; e
- fabricação de produtos metálicos, exceto máquinas e equipamentos.

TEXTO para DISCUSSÃO

Juntos, esses setores aglutinaram quase 78% do total das importações de produtos manufaturados da economia chinesa.

Em 2021, os seis principais setores foram responsáveis por pouco mais de 87% do total das importações de produtos manufaturados da região Centro-Oeste, porém originários da economia chinesa foram os que se seguem.

- 1) Fabricação de produtos químicos.
- 2) Fabricação de veículos automotores, reboques e semirreboques.
- 3) Fabricação de têxteis.
- 4) Fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas.
- 5) Fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos.
- 6) Fabricação de máquinas e equipamentos n.c.

Apesar disso, é importante destacar que, no interregno de 1998 a 2021, alguns setores vêm perdendo participação na pauta importadora da região Centro-Oeste com o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Entre os principais, aquele que mais se destacou foi a fabricação de produtos informáticos, eletrônicos e ópticos que, em 1998, detinha quase 30%, mas, em 2021, respondia por 5%.

Em seguida veio a fabricação de equipamentos elétricos que, em 1998, aglutinava pouco mais de 12% da pauta importadora da região Centro-Oeste, mas que, em 2021, respondia por pouco mais de 3%. No caso da fabricação de produtos farmacêuticos básicos e preparações farmacêuticas, em 2003, esse setor concentrava 28% da pauta importadora de produtos manufaturados, porém, em 2021, o valor era de 6%. Por fim, o setor de fabricação de têxteis, que em 2010 era responsável por 36% das importações, respondia por 10% em 2021.

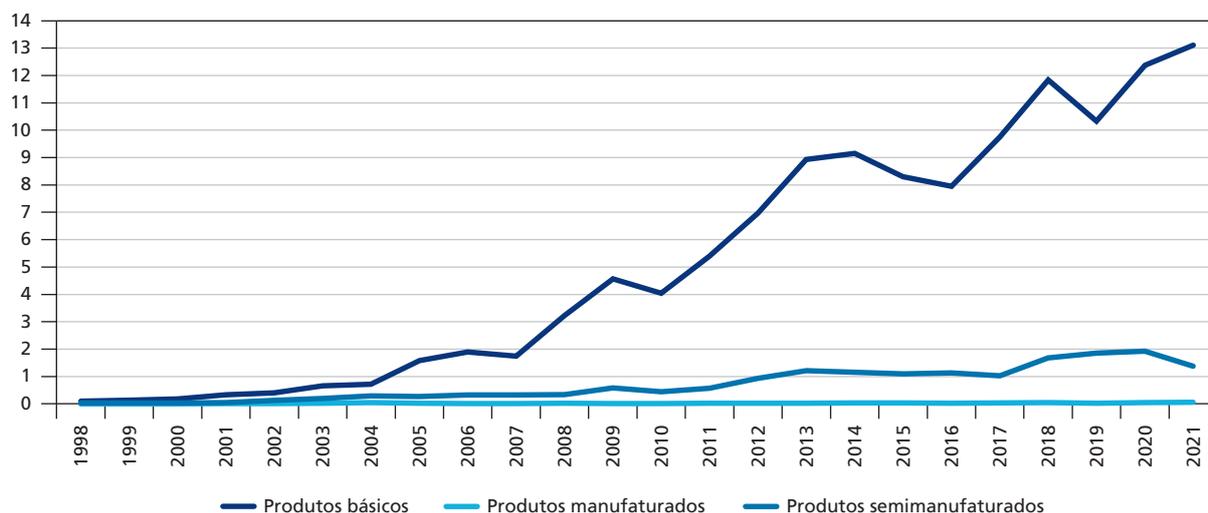
Por seu turno, o setor de fabricação de produtos químicos vem apresentando um crescimento expressivo na participação deste atributo desde 2012, tendo saltado em 2021 de 21% para 51% das importações do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau para a região Centro-Oeste. Por fim, o setor de fabricação de veículos automotores, reboques e semirreboques também ganhou expressão, desde 2016, no contexto das importações de produtos manufaturados direcionados para este espaço regional.

Por outro ângulo, é importante ressaltar que, ao analisar o período de 1998 a 2021, observa-se, através do IHH, que, excusos os anos de 1998, 2012, 2013, 2014 e 2015, todos os demais anos apresentaram IHH com valores superiores a 0,1800, ou seja, segundo a classificação apontada por Macedo (2010), há *alta concentração* entre os setores que constituem os produtos manufaturados provenientes do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, os quais abastecem a região Centro-Oeste.

GRÁFICO 13

Componentes das exportações agregadas da região Centro-Oeste provenientes do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau (1998-2021)

(Em US\$ 1 milhão)



Fonte: Secex.

Obs.: Em valores constantes de 2021.

No caso das exportações da região Centro-Oeste para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, observa-se que no interregno de 1998 e 2021 há uma predominância das exportações básicas *vis-à-vis* às exportações manufaturadas e semimanufaturadas. Em 1998, a participação das exportações básicas no total exportado foi de 77,7%, ao passo que, em 2021, responderam por 90,2%.

Em termos da média do período de 1998 a 2021, as exportações de produtos básicos para a China, Hong Kong e Macau responderam por 85%, enquanto as exportações de produtos manufaturados foram de 0,7%, e de produtos semimanufaturados, de 14,3%. Por outro ângulo, observa-se que o IHH para as exportações do Centro-Oeste para a economia chinesa também apresentou *alta concentração* em poucos setores. Entre 1998 e 2021, o menor índice de concentração foi em 2004, quando ficou em 0,5461, enquanto o maior índice se cristalizou no ano de 2017, quando atingiu 0,8228.

Por sua vez, em 2021, o IHH aglutinou-se em 0,8225. Em síntese, observa-se que a pauta exportadora da região Centro-Oeste para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau apresenta alta concentração, em especial em produtos básicos, ou seja, mercadorias que apresentam baixo valor agregado e são intensivas em recursos naturais. Essas mercadorias estão relacionadas com os seguintes setores econômicos exportadores: i) produção vegetal, animal e caça; ii) fabricação de produtos alimentícios e, por fim; iii) extração de minerais metálicos.

Em 1998, o setor exportador de produção vegetal, animal e caça respondeu por 67,1%, e a fabricação de produtos alimentícios, por 32,8% das exportações centro-oestinas para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Esses setores juntos responderam por 99,8% do total das exportações de produtos básicos para a economia chinesa.

Por sua vez, em 2021, as exportações de produtos básicos relacionados com a produção vegetal, animal e caça aglutinaram 81%, enquanto a fabricação de produtos alimentícios concentrou quase 19% e, por fim, as exportações de produtos relacionados com extração de minerais metálicos ficaram com 0,3%. Estes três setores exportadores responderam juntos por 99,9% das exportações de produtos básicos para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

Por fim, é interessante destacar que o IHH para os setores econômicos que constituem as exportações básicas do Centro-Oeste para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau apresentou alta concentração⁵⁰ no período de 1998 a 2021. Em 1999, quando houve a forte desvalorização cambial, o IHH apresentou o menor valor na variação cíclica do indicador, quer dizer, ficou em 0,5192. Em 2005, observa-se o maior valor do IHH, quando atingiu 0,8574. No caso de 2021, o valor do IHH foi de 0,6906. Portanto, observa-se que há forte concentração dos setores econômicos responsáveis pelas exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste para as economias da China, de Hong Kong e Macau.

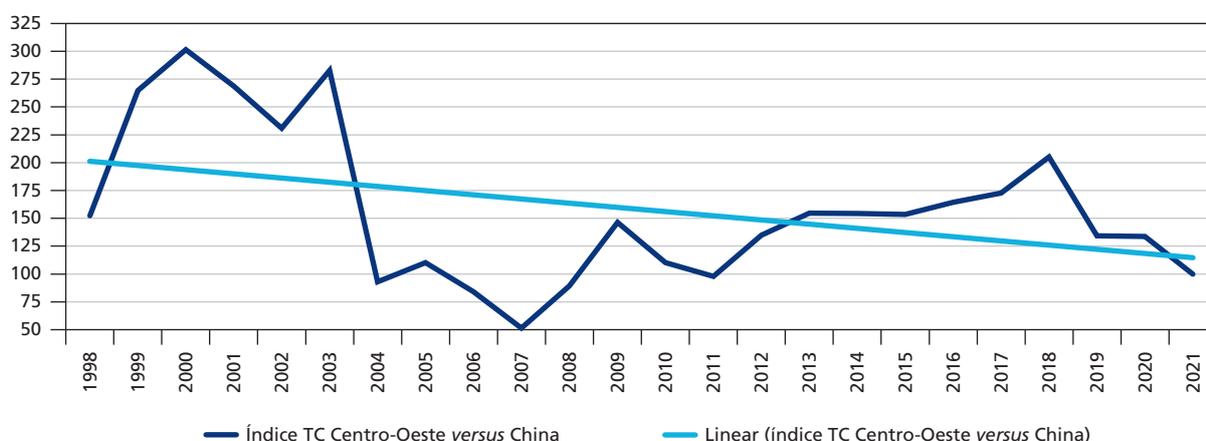
De outra forma, os produtos manufaturados importados da China apresentam também *alta concentração*, porém com uma natureza distinta, pois apresentam alto valor agregado, em especial com tecnologias derivadas da Terceira Revolução Industrial,

50. Para mais detalhes, ver Macedo (2010).

e mais recentemente da Quarta Revolução Industrial.⁵¹ Ou seja, trata-se de produtos com forte incremento do progresso técnico endógeno, o qual é fruto de uma política industrial que prima pelo incentivo e uso de CI&T.

GRÁFICO 14

Índice dos termos de troca da região Centro-Oeste com as economias chinesa, de Hong Kong e Macau (1998-2021)



Fonte: Secex.

Obs.: Índice dos termos de troca da região Centro-Oeste com as economias chinesa, de Hong Kong e Macau (valores de 2021 = 100).

Como se pode observar no gráfico 14, há uma movimentação cíclica nos termos de troca entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau entre 1998 e 2021. Em pouco mais de duas décadas, a taxa média de crescimento dos termos de troca entre as regiões destacadas foi de -1,8% a.a., ou melhor, há um decréscimo na razão entre os valores das exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste *vis-à-vis* às importações de produtos manufaturados do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

Isso aconteceu porque os termos de troca específicos entre a região Centro-Oeste se comportaram de forma cíclica entre 1998 e 2021. Em 2000, a razão entre o valor das exportações de produtos básicos em relação ao valor das importações de produtos manufaturados chegou ao seu maior nível, ou seja, a relação era 19,7 vezes superior

51. Para Stevan Junior, Leme e Santos (2018, p. 34), as principais características da Terceira Revolução Industrial são o uso de computadores, controladores lógico-programáveis (CLPs), robôs, automação, internet, telefonia celular, satélites, *global positioning systems* (GPS), e comunicações sem fio pelo telefone e computador. Já no que diz respeito à Quarta Revolução Industrial, suas características centrais são o uso de computação em nuvem, sistemas autônomos, sistemas ciberfísicos, internet das coisas, *machine to machine* (M2M), e comunicações integradas.

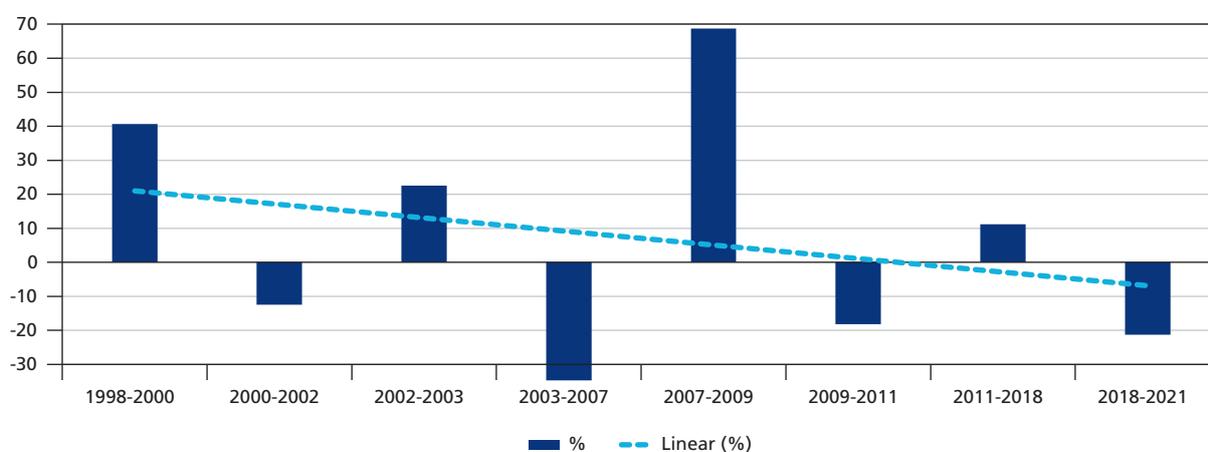
TEXTO para DISCUSSÃO

para as exportações de produtos básicos. Por sua vez, em 2007, esta mesma relação chegou ao seu valor mínimo, quando respondia por pouco mais de três vezes. Já no ano de 2021, a relação era de 6,5 vezes favoráveis para as exportações básicas da região Centro-Oeste para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau.

Apesar disso, é importante destacar que os valores exportados em produtos básicos da região Centro-Oeste não conseguiram contra-arrestar, com a mesma força, os valores de produtos manufaturados que foram importados de China, Hong Kong e Macau no período de 1998 a 2021. Isso pode ser verificado no gráfico 15, o qual evidencia que no período em destaque existiram subperíodos que apresentaram comportamentos distintos entre si em termos das taxas médias de crescimento dos termos de troca.

GRÁFICO 15

Taxa média de crescimento por subperíodos dos termos de troca da região Centro-Oeste com as economias chinesa, de Hong Kong e Macau
(Em % a.a.)



Elaboração do autor.

Desse modo, observa-se uma intercalação entre períodos que apresentam taxas médias de crescimento dos termos de troca positivas, indicando assim que o ritmo de crescimento do incremento das exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste para o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau foi superior ao ritmo do acréscimo verificado para as importações de produtos manufaturados.

Por sua vez, quando se observam taxas médias de crescimento dos termos de troca negativas, constata-se que o ritmo de crescimento do incremento das importações de produtos manufaturados oriundos do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau foi superior àquele verificado para as exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste para o referido bloco econômico.

Não obstante, é importante acentuar que, entre 2009 e 2011, quando ocorreram os reflexos negativos da crise monetária e financeira dos Estados Unidos, que contaminou as demais economias internacionais, não se observa este padrão de comportamento destacado anteriormente, uma vez que, mesmo apresentando uma taxa média de crescimento do incremento das exportações de produtos básicos superior à verificada para as importações de produtos manufaturados provenientes de China, Hong Kong e Macau, ainda assim se constata que a taxa média de crescimento dos termos de troca foi negativa.

Em síntese, os dados apontam, primeiramente, que os termos de troca entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau apresentaram, ao longo das últimas décadas, uma deterioração, a qual oscilou de forma cíclica. Por sua vez, é importante destacar que, em termos de nível, o indicador se moveu para o seu valor máximo em 2000, quando os valores das exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste conseguiram adquirir pouco mais de dezenove vezes os valores de importação dos produtos manufaturados das economias da China, de Hong Kong e Macau.

No indicador de nível, o valor mínimo ocorreu em 2007, quando as exportações de produtos básicos do Centro-Oeste conseguiram adquirir 3,4 vezes as importações de produtos manufaturados de China, Hong Kong e Macau. Em 2021, esta relação encontrava-se em 6,5, quer dizer, as exportações básicas do Centro-Oeste obtinham pouco mais que o sêxtuplo das importações de produtos manufaturados do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Ainda assim, é importante salientar que isso aconteceu em um momento de ascendência dos preços das *commodities* agrícolas e minerais no mercado internacional.

É relevante sublinhar também que a estrutura econômica dos dois espaços regionais comparados apresenta estilos de desenvolvimento diferenciados, visto que, no caso da região Centro-Oeste, o seu objetivo foi aprofundar suas vantagens comparativas ricardianas, por isso a ênfase em produtos básicos. No caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, foi estabelecer uma política industrial ativa que promovesse investimentos em CI&T, os quais contribuíram para direcionar a economia chinesa para a fronteira do progresso técnico dos países centrais. Em grande parte, essa estratégia de *catch-up* tecnológico está posicionando a estrutura industrial chinesa entre as principais economias industrializadas mundiais, como também convergindo os seus parâmetros industriais para a Quarta Revolução Industrial, ou Indústria 4.0.

Nesse sentido, observa-se, no longo prazo, que os termos de troca da região Centro-Oeste estão se deteriorando, em especial em relação ao seu principal parceiro comercial, o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Mesmo em um momento

de ciclo ascendente dos preços das *commodities* agropecuárias e minerais, verifica-se que o ritmo do incremento do valor das exportações de produtos básicos não está se sobrepondo ao ritmo do acréscimo do valor das importações dos produtos manufaturados. Para tanto, a próxima seção fará uma breve discussão das contradições que os termos de troca podem estabelecer para o estilo de desenvolvimento do Centro-Oeste.

6 CONTRADIÇÕES DO ESTILO DE DESENVOLVIMENTO DO CENTRO-OESTE: A SUBJUNÇÃO ENTRE OS AVANÇOS E OS LIMITES DOS TERMOS DE TROCA ENTRE A REGIÃO CENTRO-OESTE E O BLOCO ECONÔMICO DE CHINA, HONG KONG E MACAU

As diferenças entre os estilos de desenvolvimento da região Centro-Oeste e as economias do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau estão se cristalizando na forma de integração entre as estratégias para o incremento da capacidade das exportações de produtos básicos *vis-à-vis* às importações de produtos manufaturados.

Do lado da economia da região Centro-Oeste, há um reforço, em especial depois dos anos 1990, para integrar esse espaço regional aos mercados internacionais, acelerando, por conseguinte, os postulados do Consenso de Washington, os quais reforçaram suas vantagens comparativas ricardianas, em particular na promoção do desenvolvimento de produtos relacionados com seus recursos naturais.

No caso do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, há também uma estratégia de inserção nos mercados internacionais, porém com a implementação de uma política industrial ativa que tem por objetivo efetuar o *catch-up* tecnológico do setor industrial chinês, aproximando-o dos padrões estabelecidos pelas principais economias mundiais.

Essas estratégias diferenciadas entre a economia da região Centro-Oeste e do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau podem acarretar, no longo prazo, restrições externas, uma vez que o peso da região Centro-Oeste na balança comercial brasileira é significativo, em especial em produtos básicos, e, com a ampliação da importação de produtos manufaturados, poderão surgir obstáculos para o crescimento *per capita* da região Centro-Oeste, visto que esse espaço regional tem uma dependência por inovações tecnológicas provenientes dos países centrais.

Isso acontece porque, no bloco econômico liderado pela China, as evidências teóricas e empíricas apontam que sua estratégia é fortalecer sua política industrial, em particular nos setores industriais relacionados com os projetos da Indústria 4.0, ou

melhor, da Quarta Revolução Industrial. A ideia é revolucionar a forma de difusão do progresso técnico entre os elos das cadeias produtivas regionais, nacionais e internacionais, levando em consideração um conjunto de inovações tecnológicas que integram, de forma horizontal e vertical, os vários elos das cadeias produtivas, bem como as fontes de matérias-primas e os consumidores finais.

Como evidenciaram Hermann, Pentek e Otto (2015. p. 11, tradução nossa), a

Indústria 4.0 é um termo coletivo para tecnologias e conceitos de organização da cadeia de valor. Dentro das Fábricas Inteligentes estruturadas modulares da Indústria 4.0, os CPS monitoram os processos físicos, criam uma cópia virtual do mundo físico e tomam decisões descentralizadas. Através da IoT, os CPS se comunicam e cooperam uns com os outros e com humanos em tempo real. Por meio do IoS, serviços internos e intraorganizacionais são oferecidos e utilizados pelos participantes da cadeia de valor.⁵²

Desse modo, os elos das cadeias produtivas estarão conectados uns com os outros, horizontalmente e verticalmente, em tempo real, uma vez que as inovações tecnológicas permitirão a integração, gerenciamento de informações e planejamento dessas várias conexões existentes até o consumidor final. Para tanto, estarão interligadas pelos pontos a seguir:

- sistemas ciberfísicos;
- análises de grandes bancos de dados (*big data centers*);
- computação na nuvem;
- internet das coisas (*internet of things – IoT*);
- internet dos serviços (*internet of services – IoS*);
- inteligência artificial (IA);
- sensores inteligentes;
- produtos inteligentes; e
- fábricas inteligentes.

52. "Industrie 4.0 is a collective term for technologies and concepts of value chain organization. Within the modular structured Smart Factories of Industrie 4.0, CPS monitor physical processes, create a virtual copy of the physical world and make decentralized decisions. Over the IoT, CPS communicate and cooperate with each other and humans in real time. Via the IoS, both internal and crossorganizational services are offered and utilized by participants of the value chain".

Esses pontos poderão ser aplicados de forma integrada nos setores agropecuários, industrial e serviços.

Esses estilos de desenvolvimento diferenciados, na economia brasileira e, em especial, entre a região Centro-Oeste e a economia chinesa, têm conduzido os países por caminhos diferentes. No contexto nacional, há fortes indícios de que a estratégia adotada a partir dos anos 1990 influenciou o processo de desindustrialização,⁵³ principalmente em regiões mais dinâmicas economicamente, como o estado de São Paulo. Por sua vez, no caso de regiões como a Centro-Oeste, houve um robustecimento dos seus laços mercantis com os mercados internacionais, porém com o estabelecimento de ligações mercantis mais estreitas e fortes com cadeias produtivas que demandam recursos naturais.

No caso da China, o estilo de desenvolvimento também se cristalizou via mercado, porém com uma política industrial ativa que estreitou os laços das empresas chinesas com aquelas estabelecidas nas cadeias de valor internacional, mas condicionando que as empresas estrangeiras, para acessarem o mercado interno chinês, teriam que fazer transferências de tecnologia para as empresas chinesas. Além disso, a política industrial ativa incentivou o desenvolvimento endógeno de inovações tecnológicas, o qual edificou uma nova institucionalidade, em que a inovação tecnológica se tornou o centro do processo de transformação industrial chinês.⁵⁴

Em cenário mais amplo, as influências do estilo de desenvolvimento chinês para o caso da América Latina foram discutidas por Hiratuka (2018, p. 9), que destacou, em relação aos termos de troca, que “a forte concentração em poucos produtos básicos, quando se observam as exportações, em contraste com um grau maior de diversificação de produtos manufaturados nas importações oriundas da China” configura “um comércio fortemente assimétrico”. Desse modo, o caso brasileiro e, em especial, da região Centro-Oeste, pode ser compreendido como um evento específico, mas não único, da estratégia chinesa de ampliação de suas influências econômicas e geopolíticas nos países periféricos no contexto da nova ordem econômica mundial que se apresenta no alvorecer do século XXI. Um exemplo dessa estratégia chinesa com a economia brasileira foi a celebração do Acordo de Cooperação Científica e Tecnológica, entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China, o qual se objetivou por meio do Decreto nº 638, de 24 de agosto de 1992.

53. Para mais detalhes, ver Sampaio (2017).

54. Para mais detalhes, ver Moreira (2022).

Sendo assim, o caso da região Centro-Oeste pode ser interpretado como um caso específico de uma divisão social do trabalho, em que alguns espaços regionais estão avançando em suas estratégias de *catch-up* tecnológico, tendo como parâmetro a Quarta Revolução Industrial, e outros que ainda persistem em reforçar suas vantagens comparativas ricardianas, dando ênfase, assim, a recursos naturais e fragilizando, por conseguinte, seus esforços e projetos soberanos de industrialização.

Quer dizer, o estilo de desenvolvimento da economia brasileira em geral, e da região Centro-Oeste em particular, reforçaram um padrão de subordinação aos interesses do capital internacional, no qual, na divisão internacional do trabalho, a região Centro-Oeste se inseriu como produtora de produtos básicos, em especial aqueles relacionados com soja e derivados, carnes e minerais.

No caso da economia chinesa, observa-se que, desde o período de Deng Xiaoping (1976 a 1997), há uma estratégia de industrialização, a qual tem por objetivo avançar em seu processo de modernização através da industrialização e integração aos mercados internacionais.⁵⁵ Desse modo, Salama (2017, p. 12, tradução nossa) ressaltou que

o curso econômico em ambas as nações é muito diferente. Na China o crescimento é impulsionado por um aumento impressionante nas exportações de produtos manufaturados e excesso de investimento; no Brasil, nos anos 2000, o motor é a exportação de matérias-primas, e o crescimento é contido pela falta de investimento.⁵⁶

Para Rodrik (2004, p. 16, tradução nossa), a diferença entre

o Leste Asiático e a América Latina não é que a transformação industrial tenha sido impulsionada pelo Estado em um e pelo mercado no outro, mas que a política industrial não foi tão arquitetada e coerente na América Latina quando comparado com o Leste Asiático. Como consequência, a transformação teve menor aprofundamento e enraizamento na primeira do que na segunda.⁵⁷

55. Como destacaram Milaré e Diegues (2015, p. 94), “não foi por acaso que em menos de trinta anos a China passou de uma nação primordialmente agrária para um país detentor de um moderno parque industrial. Uma estratégia de cunho heterodoxo com controle do Estado, planejamento centralizado e grande autonomia foram os pontos chaves para sua industrialização”.

56. “El curso económico en ambas naciones es muy diferente. En China el crecimiento es impulsado por un impresionante aumento de las exportaciones de productos manufacturados y un exceso de inversión; en Brasil, en los años 2000, el motor son las exportaciones de materias primas, y el crecimiento esfrenado por la falta de inversión”.

57. “Hence the difference between East Asia and Latin America is not that industrial transformation has been state-driven in one and market-driven in the other. It is that industrial policy has not been as concerted and coherent in Latin America as it has been in East Asia, with the consequence that the transformation has been less deeply rooted in the former than it is in the latter”.

Apesar disso, o tipo de inserção internacional que se objetivou no Brasil e na região Centro-Oeste, em específico, acabou reforçando o poder econômico e político das corporações internacionais em território nacional, conforme destacado por Harvey (2013). Quer dizer, por possuírem poder de mercado, enquanto empresas oligopolistas, acabaram influenciando na trajetória do estilo de desenvolvimento destas regiões periféricas, particularmente na forma de difusão das inovações tecnológicas e dos financiamentos, uma vez que foram estabelecidos contratos mercantis entre as empresas e os produtores, condicionando, assim, as regras e os protocolos que regeriam as relações mercantis entre as partes.

Desse modo, o padrão de difusão do progresso técnico em países periféricos como o Brasil, e por conseguinte da região Centro-Oeste, foi moldado a partir de um padrão de consumo estabelecido pela dinâmica econômica dos países centrais,⁵⁸ em que não haveria o desenvolvimento autônomo de tecnologias no país, mas sim a aquisição destas em seus países de origem, em especial nas economias centrais. Sendo assim, quando estas inovações tecnológicas eram transplantadas para as economias periféricas, sem as mediações necessárias, acabaram condicionando as estruturas produtivas nacionais, ou seja, como destacou Furtado (1982, p. 132), houve o impedimento de “qualquer diversificação das estruturas de produção”.

Nesse caso, a inserção da região Centro-Oeste nos Enids acabou aprofundando ainda mais a inserção subordinada aos interesses do capital internacional, principalmente por aumentar a dependência cultural da região ao desenvolvimento de CI&T dos países centrais, como também por mecanismos de financiamento privado, primordialmente derivados de fundos de investimentos internacionais.⁵⁹

Dessa maneira, as estruturas produtivas da região Centro-Oeste, agropecuária e industrial acabaram robustecendo os investimentos produtivos naqueles setores econômicos que acentuaram as suas vantagens comparativas ricardianas e locais, as quais estão cristalizadas em segmentos produtivos relacionados com os recursos naturais.

Esse processo tornou-se mais acentuado no contexto de desindustrialização da economia brasileira, uma vez que o setor da indústria de transformação foi perdendo,

58. Como destacou Furtado (2013, p. 38) “o que veio a chamar-se subdesenvolvimento não é outra coisa senão a manifestação dessa disparidade entre o dinamismo da demanda e o atraso na acumulação produtiva. Este último tem origem na forma de inserção na divisão internacional do trabalho, e aquele, na penetração dos padrões de consumo do centro”.

59. Como destacado por Frederico (2018, p. 13), “o início do século XXI marcou a chegada de uma nova safra de capitalistas na agricultura mundial. Trata-se da presença do capital financeiro, representado por diversos tipos de fundos (pensão, soberanos, *hedge*, *endowments*, *private equity*), corporações (bancos, seguradoras e empresas) e indivíduos de alta renda, sobretudo, nos países de maior produção agrícola e com dinâmicas de fronteira como o Brasil”.

desde os anos 1990, participação na produção internacional, nacional e na geração de emprego e renda. Por tudo isso, Sampaio (2017, p. 383) destacou que há uma “perda da competitividade internacional dos manufaturados produzidos localmente”.

Não é por outro motivo que o processo de modernização das estruturas produtivas agropecuárias se acentuou na região Centro-Oeste depois dos anos 1990, notadamente impulsionado pela *agricultura científica globalizada*, a qual foi discutida por Santos (2020) e Frederico (2013). Desse modo, Pires (2016, p. 50) destacou que “essa estratégia de inserção nas cadeias produtivas globais favoreceu o incremento da produção, em particular de produtos com fortes características relacionadas com *commodities* agrícolas e minerais”.

Apesar disso, é importante destacar que, nesse ambiente da agricultura científica globalizada, verifica-se um incremento significativo da participação do mercado enquanto instrumento para a promoção do desenvolvimento regional, e uma redução da capacidade do Estado de induzir trajetórias de transformação das estruturas produtivas.

Isso aconteceu porque a crise fiscal e financeira que o Estado brasileiro vivenciou nos anos 1980 teve um papel significativo para reduzir a participação e o alcance do Estado na promoção das políticas de desenvolvimento regional e dos investimentos públicos. Isso se acentuou nos anos 1990 com o processo de renegociação da dívida externa que foi realizado no Plano Brady (1994), o qual impulsionou a adoção dos princípios do Consenso de Washington na economia nacional.

Com a crise cambial de 1999, o modelo de política econômica foi alterado, e introduziu-se o tripé macroeconômico, que instituiu o câmbio flutuante, metas de inflação e metas fiscais – o superávit primário teve particularmente um papel importante para a redução do papel do Estado na economia. Além disso, a Emenda Constitucional (EC) nº 95, de 15 de dezembro de 2016, acelerou ainda mais a redução do alcance do Estado enquanto agente indutor do desenvolvimento nacional e regional.

No caso chinês, Bijian (2005, p. 20, tradução nossa)⁶⁰ destacou que

a China baseou seu processo de modernização principalmente em seus recursos internos. Confiou em inovações ideológicas e institucionais e na reestruturação industrial. Ao explorar o crescente mercado doméstico e transferir as enormes economias pessoais de seus cidadãos para investimentos, a China imprimiu um novo impulso à sua economia. As capacidades de seus cidadãos estão sendo atualizadas e seu progresso tecnológico acelerado.

60. “China has based its modernization process mainly on its domestic resources. It has relied on ideological and institutional innovations and on industrial restructuring. By exploring the growing domestic market and transferring the huge personal savings of its citizens into investment, China has infused its economy with new momentum. Its citizens’ capacities are being upgraded and its technological progress expedited”.

Assim sendo, Bijian (2005) destacou que a estratégia chinesa em promover uma política industrial ativa, cujo objetivo era desenvolver o uso de CI&T em suas mercadorias, em especial aquelas relacionadas com a indústria de transformação exportadora, tem impulsionado sua inserção crescente e sustentada nos mercados globalizados. Ao passo que, no caso brasileiro e do Centro-Oeste, em específico, a estratégia foi reforçar os investimentos ligados aos recursos naturais, essencialmente em mercadorias relacionadas com *commodities* agrícolas e minerais.

Tudo isso tem refletido na forma de uma deterioração dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e a China, que é o principal parceiro comercial dos estados que edificam esse espaço regional, ou seja, cada vez mais as exportações de produtos básicos centro-oestinos estão relativamente perdendo espaço para as importações de produtos manufaturados chineses. Não é por outro motivo que a relação existente entre esses atributos era, em 2000, de quase vinte vezes, ao passo que, em 2021, era de 6,5 vezes, quer dizer, bem aquém daquela verificada no início dos anos 2000.

Por sua vez, é importante ressaltar que a China está ampliando suas relações mercantis com o continente africano através da estratégia de integração Cinturão e Rota, a qual promoverá um portfólio de investimentos chineses em território africano, favorecendo, por conseguinte, as trocas mercantis entre as economias africanas e a chinesa. Para tanto, investimentos em infraestrutura e de logística estão em curso, com o objetivo de escoar o excedente agropecuário africano por meio de ferrovias e estradas modernas, ampliando, assim, a capacidade de transporte para abastecer os centros urbanos africanos e chineses com matérias-primas⁶¹ e auxiliar no fluxo de pessoas por esses espaços regionais.

Desse modo, a integração China-África promoverá os investimentos necessários para impulsionar, ainda mais, o processo de modernização das estruturas produtivas africanas, que terão no futuro próximo um papel importante como eixo auxiliar no processo de segurança alimentar da China. Isto será mais um desafio para a economia do Centro-Oeste brasileiro, uma vez que a produção africana impulsionará a concorrência entre esses espaços regionais nos mercados agropecuários chineses e internacionais.

7 OBSERVAÇÕES FINAIS

O ponto central da investigação foi verificar em que medida os fluxos mercantis entre a região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais têm modificado a estrutura dos termos

61. Para mais detalhes, ver: <https://www.yidaiyilu.gov.cn/p/283637.html>.

de troca entre eles, em especial em relação ao bloco econômico de China, Hong Kong e Macau no período compreendido entre 1998 e 2021.

Primeiramente, é importante ressaltar que a reconstrução do concreto, enquanto concreto pensado, partiu do princípio de que as estruturas econômicas que edificaram as economias centrais e periféricas – no caso, a economia brasileira e centro-oestina – se cristalizaram em momentos distintos do tempo, quer dizer, umas foram fruto do processo de industrialização originária, outras da industrialização de primeira e segunda ondas e, por fim, de industrialização tardia ou periférica, e mais recentemente a industrialização chinesa, acelerada depois de 1978 com Deng Xiaoping.

Esses aspectos têm papel fundamental na trajetória dos estilos de desenvolvimento dos países, visto que a forma de alocação dos fatores de produção é condicionada por suas características estruturais, que são, no presente, registros do passado – quer dizer, são frutos dos processos de formação de suas estruturas produtivas. Desse modo, a dinâmica econômica dessas economias é capturada no contexto histórico, pois são processos de transformação que estão se cristalizando no tempo e no espaço. Assim, a formação econômica do Brasil e, em especial, a da região Centro-Oeste são casos específicos, mas não únicos, de economias que floresceram marcadas pela heterogeneidade estrutural e produtiva por serem dependentes de tecnologias e financiamentos das economias centrais, ou seja, são economias subdesenvolvidas.

É esse traço que marca o processo de transformação das estruturas produtivas da região Centro-Oeste, as quais ganharam projeção desde meados dos anos 1960, quando os pacotes da Revolução Verde foram induzidos pelo estado com o objetivo de ajustar esta região ao eixo de expansão do capital nacional e internacional. Desse modo, a soja foi o vetor da modernização das estruturas produtivas (agropecuária e industrial) da região Centro-Oeste.

Até os anos 1980, esse processo de transformação das estruturas foi dependente da participação ativa do Estado. Contudo, com a crise fiscal e financeira dos anos 1980, o Estado foi perdendo força nesse processo de modificação estrutural, visto que foi encapsulado pela lógica de desenvolvimento estabelecida pelos postulados do Consenso de Washigton e, a partir da crise cambial de 1999, ganha nova roupagem com o modelo do tripé macroeconômico, ou seja: i) câmbio flutuante; ii) metas de inflação; e iii) metas fiscais, em especial, com metas de superávit fiscal primário e, mais recentemente, com a EC nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Por sua vez, é importante ressaltar que as bases econômicas estavam estabelecidas, pois o Centro-Oeste era grande produtor de grãos, em especial naquelas culturas voltadas para o mercado internacional, como soja e milho.

A partir dos anos 1990, o vetor externo aprofundou o eixo de desenvolvimento da região Centro-Oeste, em especial aproximando as economias locais dos mercados internacionais. Com a fragilidade financeira e fiscal do Estado, uma nova forma de modernização das estruturas produtivas centro-oestinas, a agricultura científica globalizada, foi, aos poucos, se destacando. Desse modo, houve um crescimento na participação do capital privado nas decisões de alocação dos recursos produtivos e um certo atrofiamento do papel do Estado no estilo de desenvolvimento das economias centro-oestinas.

Com o incremento do capital privado – em especial em sua forma de capital financeiro transvestido de diversos fundos, como por exemplo pensão, soberanos, *hedge*, *endowments*, *private equity* e seguradoras, bancos privados nacionais e internacionais, e indivíduos com alto patrimônio e renda –, os contratos entre os produtores agropecuários, os agentes financeiros e as grandes *trading companies* foram se objetivando e condicionando a forma de alocação dos fatores de produção desse espaço regional.

Culturas como soja, milho, algodão e cana-de-açúcar foram avançando pelo espaço regional do Centro-Oeste, como também agroindústrias processadoras de grãos, carnes, ou seja, de alimentos. Além disso, observa-se também o crescimento de empresas relacionadas com minérios. Desse modo, o estilo de desenvolvimento da região Centro-Oeste ficou marcado, dentro do projeto de desindustrialização nacional, por reforçar as linhas mestras do projeto de transformação das estruturas produtivas regionais na produção de produtos atrelados às vantagens comparativas ricardianas e locacionais. Desse jeito, os produtos que mais avançaram na região Centro-Oeste foram aqueles relacionados com os recursos naturais da região.

Sendo assim, os produtos que ganharam maior expressão na pauta exportadora da região Centro-Oeste entre 1998 e 2021 foram aqueles relacionados aos produtos básicos, ou seja, que ainda se encontram nos principais elos da cadeia de transformação de valor. Estes produtos se expandiram em ritmo acelerado nos mercados internacionais, tendo a UE seu principal parceiro comercial até 2010, quando foi substituída pelo bloco econômico de China, Hong Kong e Macau de 2011 até o presente.

Desse modo, as exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste foram impulsionadas de forma favorável pelo crescimento da economia chinesa, como também pelos preços crescentes das *commodities* agrícolas e minerais. Sendo assim, o processo de geração de renda, para os agentes econômicos centro-oestinos, foi favorável, impulsionando, por conseguinte, o incentivo para o incremento das importações agregadas.

Apesar disso, entre 1998 e 2021, a razão entre os valores das exportações da região Centro-Oeste para o resto do mundo *vis-à-vis* às importações agregadas não apresentaram, de forma aparente, sinais de deterioração dos termos de troca. Contudo, é importante ressaltar que desde 2009 há um ciclo ascendente dos preços das *commodities* agropecuárias e metais que, possivelmente, está influenciando de forma positiva para que não haja esta deterioração dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e os demais parceiros comerciais.

Quando se observa a razão entre os valores exportados de produtos básicos *vis-à-vis* às importações de produtos manufaturados entre a região Centro-Oeste e o resto do mundo, no período de 1998 a 2021, constata-se o mesmo fenômeno aparente destacado para as exportações e importações agregadas. Desse jeito, uma análise mais apressada poderia indicar que a hipótese de Prebisch-Singer estaria refutada para o caso específico da região Centro-Oeste e seus parceiros comerciais no dado período histórico.

Não obstante, é importante destacar que, ao se verificar a estrutura dos termos de troca entre os países envolvidos, observa-se alta concentração de produtos básicos na pauta exportadora da região Centro-Oeste, como também alta concentração de produtos manufaturados na pauta importadora. Como são produtos que apresentam naturezas de industrialização distintas, então se pode levantar o imperativo hipotético de que isso esteja acontecendo por influência dos ciclos de preços favoráveis das *commodities* agropecuárias e minerais.

Sendo assim, optou-se por aprofundar um pouco mais a análise e verificar qual era o comportamento dos termos de troca entre a região Centro-Oeste e seu principal parceiro comercial, o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau. Para tanto, é importante evidenciar que a natureza do estilo de desenvolvimento chinês é distinta daquela verificada para a região Centro-Oeste. Mesmo que ambos tenham projetado os impulsos do seu crescimento econômico para os mercados internacionais, ainda assim a economia chinesa implementou uma política industrial ativa, que teve como base uma revolução em sua estrutura industrial por meio do uso crescente de CI&T.

Desse modo, a estratégia chinesa foi impulsionar, de forma crescente, o incremento do seu papel na divisão internacional do trabalho com produtos de maior valor agregado, ou seja, produtos manufaturados, em especial aqueles relacionados, no primeiro momento, com a Terceira Revolução Industrial e, mais recentemente, com a Quarta Revolução Industrial.

Isso posto, a estratégia chinesa de expansão para as economias da América Latina, África e Ásia se intensificou, em especial por meio da exportação de produtos

TEXTO para DISCUSSÃO

manufaturados. É neste contexto que as transações mercantis entre a região Centro-Oeste e a economia chinesa vão se desenrolar entre 1998 e 2021.

Dessa maneira, a razão entre as exportações de produtos básicos da região Centro-Oeste *vis-à-vis* às importações de produtos manufaturados do bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, entre 1998 e 2021, vem apresentando uma taxa média de crescimento de -1,8% a.a. Além disso, a razão entre as exportações básicas e as importações manufaturadas entre estas regiões declinou de quase vinte vezes em 2000 para pouco mais de 6,5 vezes em 2021.

Tudo isso é um sinal claro de que, mesmo com um ciclo ascendente de preços de *commodities* agropecuárias e metais, há uma deterioração nos termos de troca entre a região Centro-Oeste e o bloco econômico de China, Hong Kong e Macau, que, no longo prazo, pode trazer fortes restrições para o crescimento econômico do Centro-Oeste.

Esse fato pode se agravar ainda mais se a estratégia desenvolvida pela China, por meio do eixo Cinturão e Rota, modernizar as estruturas produtivas africanas e o seu sistema de transportes, uma vez que a produção de *commodities* agropecuárias das economias africanas pode se tornar mais competitiva na economia chinesa, e quiçá mundial, aumentando, por conseguinte, a concorrência com os produtos brasileiros, em especial com os produtos centro-oestinos.

Por fim, um possível caminho para as economias centro-oestinas melhorarem seu posicionamento no mercado internacional é formular uma política industrial mais ativa, em especial estimulando o desenvolvimento de CI&T autônomas. Desse modo, as economias centro-oestinas podem iniciar um processo de industrialização cujo resultado será agregar mais valor aos seus recursos naturais, como também estimular a internalização de setores que apresentam um papel central em sua cadeia horizontal e vertical de valores, mas que estão externos à economia do Centro-Oeste.

REFERÊNCIAS

- BACHA, C. J. C. (Org.). **Economia e política agrícola no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2004.
- BIELSCHOWSKY, R. **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**: uma resenha. *In*: BIELSCHOWSKY, R. (Org.). **Cinquenta anos de pensamento na CEPAL**. Rio de Janeiro: Record, 2000. v. 1.
- BIJIAN, Z. China's Peaceful Rise to Great-Power Status. **Foreign Affairs**, Nova York, v. 84, n. 5, set.-out. 2005.

BORGHI, R. A. Z. China's trade specialization pattern with Latin American and African economies: revisiting the core-periphery dichotomy. **Revista Tempo do Mundo**, v. 24, p. 27-52, dez. 2020.

BREDOW, S. M. S.; LÉLIS, M. T. C.; CUNHA, A. M. O ciclo de alta nos preços das *commodities* e a economia brasileira: uma análise dos mecanismos externos de transmissão entre 2002 e 2014. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 695-731, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ecos/a/djLQqMkmpMdgHtnK7f46Rdf/?format=pdf>.

CARNEIRO, R. O desenvolvimento revisitado. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 20, n. 3, p. 73-82, jul.-set. 2006.

CARNEIRO, R. de M. **Commodities, choques externos e crescimento**: reflexões sobre a América Latina. Santiago do Chile: CEPAL, ene. 2012. (Serie Macroeconomia del Desarrollo, n. 117).

CASTRO, A. C.; FONSECA, M. da G. D. (Org.). **A dinâmica agroindustrial do Centro-Oeste**. Brasília: Ipea, 1995.

CNI – CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. **Metodologia**: coeficientes de abertura comercial – versão 4.0. Brasília: CNI, jul. 2016.

DÁVILA-FERNÁNDEZ, M.; AMADO, A. Entre a lei de Thirlwall e a hipótese Prebisch-Singer: uma avaliação da dinâmica dos termos de troca em um modelo de crescimento com restrição no Balanço de Pagamentos. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 87-119, abr. 2015.

FREDERICO, S. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderna no Brasil. **Confins**, n. 17, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/8153>.

FREDERICO, S. **Território, capital financeiro e agricultura Land Grabbing e fronteira agrícola no Brasil**. 2018. Tese (Livre-docência) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2018.

FURTADO, C. Commentaires de Celso Furtado. In: EMMANUEL, A. (Ed.). *Technologie appropriée ou technologie sous-développée?*, suivi d'une discussion avec Celso Furtado et Hartmut Elsenhans. 2. ed. Paris: PUF/IRM, 1982. p.

FURTADO, C. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FURTADO, C. (Org.). **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, C. (Org.). **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto; Centro Internacional Celso Furtado, 2009.

FURTADO, C. **Essencial Celso Furtado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

HERMANN, M.; PENTEK, T.; OTTO, B. **Design principles for industrie 4.0 scenarios: a literature review**. Gallen: Business Engineering Institute St., 2015. (Working Paper, n. 1/2015).

HIRATUKA, C. **Mudanças na estratégia chinesa de desenvolvimento no período pós-crise global e impactos sobre a AL**. Campinas: Unicamp, maio 2018. (Texto para Discussão, n. 339).

MACEDO, F. C. **Inserção externa e território: impactos do comércio exterior na dinâmica regional e urbana no Brasil (1989-2008)**. 2010. 286 f. Tese (Livre-docência) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MELLO, J. M. C. de. **O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MILARÉ, L. F. L.; DIEGUES, A. C. A industrialização chinesa por meio da tríade autonomia-planejamento-controle. **Revista Leituras de Economia Política**, Campinas, v. 22, p. 65-98, dez. 2014-jul. 2015.

MOREIRA, U. Teorias do comércio internacional: um debate sobre a relação entre crescimento econômico e inserção externa. **Revista de Economia Política**, v. 32, n. 2 p. 213-228, abr.-jun. 2012.

MOREIRA, U. **Catch-up tecnológico e superação da armadilha da renda média: o caso da China no setor de semicondutores**. Brasília: Ipea, ago. 2022. (Texto para Discussão, n. 2789).

OCAMPO, J. A.; PARRA, M. A. **The terms of trade for commodities in the twentieth century**. Santiago del Chile: CEPAL, Apr. 2003. (Cepal Review, n. 79).

OLIVEIRA, C. A. B. de. (Org.). **Processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado**. Campinas: Unicamp; Unesp, 2003.

PACHECO, C. A. **Fragmentação da nação**. Campinas: Unicamp, 1998.

PINTO, A. Natureza e implicações da “heterogeneidade estrutural” da América Latina. In: BIELSCHOWSKY, R. (Ed.). **Cinquenta anos de pensamento da CEPAL**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000a. v. 2, p. 567-587.

PINTO, A. Notas sobre os estilos de desenvolvimento na América Latina. *In*: BIELSCHOWSKY, R. (Ed.). **Cinquenta anos de pensamento da CEPAL**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000b. v. 2, p. 609-650.

PIRES, M. J. de S. **As implicações do processo de modernização conservadora na estrutura e nas atividades agropecuárias da região centro-sul de Goiás**. 2008. 146 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

PIRES, M. J. de S. **Uma sistematização da discussão sobre heterogeneidade industrial. Um olhar para além das regiões brasileiras**: o caso do Centro-Oeste brasileiro. Brasília: Ipea, dez. 2016. (Texto para Discussão, n. 2257).

PIRES, M. J. de S. **Estratégia de transformação econômica do Centro-Oeste**: o caminho externo. Rio de Janeiro: Ipea, ago. 2019. (Texto para Discussão, n. 2504).

PIRES, M. J. S.; NEDER, H. D. **Disposições produtivas recentes**: uma aplicação do modelo shift-share para os setores industriais na região Centro-Oeste entre 2007 e 2014. Rio de Janeiro: Ipea, dez. 2022. (Texto para Discussão, n. 2723).

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. *In*: BIELSCHOWSKY, R. (Ed.). **Cinquenta anos de pensamento da CEPAL**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000 – v. 1, p. 69-136.

RICARDO, D. (Org.). **Princípios de economia política e tributação**. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

RODRÍGUEZ, O. (Org.). O estruturalismo latino-americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RODRIK, D. **Industrial policy for the twenty-first century**. Cambridge, United States: Harvard University, Sept. 2004. Disponível em: <https://drodrik.scholar.harvard.edu/files/dani-rodrik/files/industrial-policy-twenty-first-century.pdf>.

ROSTOW, W. W. A decolagem para o crescimento autossustentado. *In*: AGARWALA, A. N.; SINGH, S. P. (Ed.). **A economia do subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 406-456.

SALAMA, P. Brasil y China: caminos de fortaleza y desconciertos. **Revista Problemas del Desarrollo**, v. 48, n. 188, p. 9-28, ene.-mar. 2017.

SAMPAIO, D. P. Desindustrialização e desenvolvimento regional no Brasil (1985-2015). *In*: MONTEIRO NETO, A.; CASTRO, C. N.; BRANDÃO, A. B. (Org.). **Desenvolvimento regional no Brasil**: políticas, estratégias e perspectivas. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. p. 369-396.

SANTOS, M. (Org.). **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 30. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SCOLESCO, F. (Org.). **Transnacionalismo, agronegócio e agricultura 4.0**: nova acumulação sob novo modo de produção – a natureza, os territórios e os mundos do trabalho no centro de domínio do capital. Marília: Lutas Anticapital, 2022.

SILVA, J. C. A. L e; PRADO, L. C. D.; TORRACCA, J. P. Um novo olhar sobre um antigo debate: a tese de Prebisch-Singer é, ainda, válida? **Revista de Economia Aplicada**, v. 20, n. 2, p. 203-226, 2016.

SINGER, H. The distribution of gains between investing and borrowing countries. **American Economic Review**, v. 40, n. 2, p. 473-485, May 1950.

SINGER, H. Beyond terms of trade-convergence and divergence. **Journal of International Development**, v. 11, n. 6, p. 911-916, Oct. 1999.

STEVAN JUNIOR, S. L.; LEME, M. O.; SANTOS, M. M. D. **Indústria 4.0**: fundamentos, perspectivas e aplicações. São José dos Campos: Editora Érica, 2018.

TOYE, J.; TOYE, R. The origins and interpretation of the Prebisch-Singer Thesis. **History of Political Economy**, v. 35, n. 3, p. 437-465, 2003.

Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

EDITORIAL

Coordenação

Aeromilson Trajano de Mesquita

Assistentes da Coordenação

Rafael Augusto Ferreira Cardoso

Samuel Elias de Souza

Supervisão

Ana Clara Escórcio Xavier

Everson da Silva Moura

Revisão

Alice Souza Lopes

Amanda Ramos Marques Honorio

Barbara de Castro

Brena Rolim Peixoto da Silva

Cayo César Freire Feliciano

Cláudio Passos de Oliveira

Clícia Silveira Rodrigues

Olavo Mesquita de Carvalho

Regina Marta de Aguiar

Reginaldo da Silva Domingos

Editoração

Anderson Silva Reis

Augusto Lopes dos Santos Borges

Cristiano Ferreira de Araújo

Daniel Alves Tavares

Danielle de Oliveira Ayres

Leonardo Hideki Higa

Natália de Oliveira Ayres

Capa

Aline Cristine Torres da Silva Martins

Projeto Gráfico

Aline Cristine Torres da Silva Martins

The manuscripts in languages other than Portuguese published herein have not been proofread.

Ipea – Brasília

Setor de Edifícios Públicos Sul 702/902, Bloco C

Centro Empresarial Brasília 50, Torre B

CEP: 70390-025, Asa Sul, Brasília-DF

Missão do Ipea
Aprimorar as políticas públicas essenciais ao desenvolvimento brasileiro
por meio da produção e disseminação de conhecimentos e da assessoria
ao Estado nas suas decisões estratégicas.



ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

MINISTÉRIO DO
PLANEJAMENTO
E ORÇAMENTO

